



NOTRE DAME

Ano 12
Edição nº 28
Junho/2020

ENFOQUE

NOTRE DAME

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Plataformas adaptativas trazem novas perspectivas para a educação

ECONOMIA E SUSTENTABILIDADE

Projeto deve gerar economia de 80% no consumo de energia elétrica

IRMÃ NILSA

Cinquenta e sete anos dedicados à evangelização

ATIVIDADES DOMICILIARES

Como estão os estudos neste período de pandemia

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| EDITORIAL - Juntos inovamos com propósito | 3 |
| ENTREVISTA - Geração fotovoltaica deve resultar em economia de 80% no consumo de energia elétrica | 4 |
| ARTIGO GESTÃO EDUCACIONAL – Gestores na hora do caos | 8 |
| ARTIGO ESCOLA E FAMÍLIA - Família, escola e um único objetivo | 11 |
| ARTIGO ATUALIDADES EDUCACIONAIS – Tendências em educação | 12 |
| ENFOQUE - Inteligência artificial traz novas perspectivas para a educação | 16 |
| PARTILHA DE BOAS PRÁTICAS – Projetos das escolas com uso de tecnologia | 20 |
| BIOGRAFIAS | |
| Irmã Nilsa | 28 |
| Alcemar Sanfelice | 29 |
| ESPIRITUALIDADE ND – A cruz e as Irmãs Notre Dame | 30 |
| JUND – Projeto Sementeira e Vocações | 32 |
| PROPOSTA PEDAGÓGICA NOTRE DAME – O Núcleo de Pedagogia ND | 33 |
| JPIC – Escola do cuidado | 35 |
| PÁGINA DO ALUNO – Os desafios da quarentena para a educação | 36 |

ESCOLAS NOTRE DAME

- Colégio Maria Auxiliadora - Canoas/RS
- Colégio Santa Teresinha - Taquara/RS
- Escola Madre Júlia - São Sepé/RS
- Escola Maria Rainha - Júlio de Castilhos/RS
- Escola N. S. Estrela do Mar - São Lourenço do Sul/RS
- Escola Sagrada Família - Rolante/RS
- Escola Sagrado Coração de Jesus - Pedro Osório/RS
- Escola Santa Catarina - Santa Maria/RS

EXPEDIENTE

Superiora Provincial: Ir. Vania Maria Dalla Vecchia

Projeto Gráfico e Diagramação: Michael Zeppenfeld

Produção: Tamires Hoff


Os artigos enviados são de responsabilidade dos respectivos autores

Coordenação: Vagner Paulo Maccalli

Fotos da capa: Richar Feijó

Revisão: Claudia Rosana de Souza



 nd.org.br  51 3462.8600
 /redenotredame  @redenotredame
 Av. Guilherme Schell, 5888 - Canoas - RS

Juntos inovamos com propósito

O ano de 2020 nos trouxe importantes desafios. Neste primeiro semestre, tivemos que nos adaptar e garantir a continuidade dos estudos dos nossos alunos e alunas a distância. A medida, necessária para prevenção ao COVID-19, exigiu esforços e criatividade de todos para fazer deste um momento de aprendizado.

Assim como é vocação da nossa instituição ensinar, nós também aprendemos e nos adaptamos a essa nova realidade. Como você já deve ter percebido, esta edição está diferente, com publicação on-line. Este foi o modo, excepcionalmente para esta edição, de nos adaptarmos a este momento.

Das suas casas, nossas equipes trabalham em caráter incansável para oferecer aos estudantes os conteúdos letivos, da melhor maneira possível. Do outro lado, alunos e alunas e suas famílias também estão empenhados em superar as dificuldades impostas pelo distanciamento e garantir a continuidade dos estudos.

As descobertas e as experiências vivenciadas pela comunidade escolar Notre Dame são retratadas na Enfoque ND. Na Página do Aluno, elencamos depoimentos de pais e estudantes sobre os estudos durante este período de pandemia.

A tecnologia, que já vinha fazendo parte das aulas presenciais, se tornou ainda mais presente no nosso dia a dia e essencial para a condução das atividades domiciliares. Como prevê a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a tecnologia passou a ser competência do ensino e a Inteligência Artificial (IA) deixou de ser algo futurístico para integrar a realidade da educação. Este é assunto da reportagem especial desta edição, que mostra as novas perspectivas para o ensino, trazidas pela IA.

Alguns recursos e plataformas tecnológicas que as escolas da Rede ND estão utilizando para o

desenvolvimento de habilidades e competências são apresentados nas páginas Partilha de Boas Práticas.

Neste ano, também se torna realidade o Projeto de Eficiência Energética, que vem ao encontro dos propósitos da Rede Notre Dame voltados para sustentabilidade. Após ser contemplada, por meio de chamada pública da concessionária de energia elétrica RGE, pertencente ao Grupo CPFL Energia, as obras do projeto estão em fase de conclusão e vão resultar em uma redução de 80% no consumo de energia elétrica, representando uma economia não apenas financeira, mas de recursos naturais.

Também trazemos as biografias da Irmã Nilsa Maria Hartmann e do professor de Educação Física da Escola Maria Rainha, Alcemar Sanfelice. Além disso, esta edição ainda compartilha artigos voltados para espiritualidade, família e educação. Faço um convite para que destinem um pouco do seu tempo para ler os conteúdos que preparamos para você.



Ir. Vania Maria Dalla Vecchia

Superiora Provincial

Província Nossa Senhora Aparecida

Sustentabilidade e economia: geração fotovoltaica deve resultar em economia de 80% no consumo de energia elétrica

Por Tamires Hoff



FOTO: Divulgação/DSA Engenharia

A geração de energia elétrica de maneira limpa e sustentável já está virando realidade. Estão em fase de conclusão as obras do projeto que ainda deve resultar em uma economia de, aproximadamente, 67,5% nas despesas com energia elétrica nas escolas da Rede Notre Dame atendidas pela RGE. Isso será possível com o novo sistema de produção de energia fotovoltaica através de painéis solares. A Associação Notre Dame foi contemplada, por meio de chamada pública, em junho de 2019, com projeto de eficiência energética da concessionária de energia elétrica RGE, pertencente ao Grupo CPFL Energia.

Uma das ações incluiu a instalação de 940 placas solares em oito unidades da Rede Notre Dame, nas áreas de concessão da RGE. São elas: Colégio Maria Auxiliadora e Recanto Nossa Senhora Aparecida, ambos de Canoas; Colégio Santa Teresinha, de Taquara; as escolas Sagrada Família, de Rolante; Madre Júlia, de São Sepé; Maria Rainha, de Júlio de Castilhos; e Santa Catarina, de Santa Maria; além do Sítio Notre Dame, localizado em Nova Santa Rita.

Outra ação do projeto foi a substituição, já realizada, de 4.100 pontos de iluminação, como explica

o sócio-diretor da DSA Engenharia, empresa contratada para elaboração dos projetos e execução das obras, Fábio Gaspar. “Hoje, estamos praticamente com 100% dos sistemas de iluminação eficientizados, ou seja, a Associação Notre Dame possui hoje a tecnologia LED em 100% das escolas participantes do projeto.”

No total, a economia será de 80% no consumo, que deve significar uma redução de 67,5% na despesa com energia elétrica nas unidades da Associação contempladas pelo projeto. “A economia mais significativa aparecerá a partir de setembro e outubro, quando teremos dias com maior incidência de sol e maior consumo devido à climatização das salas de aula e outras dependências das escolas”, detalha o supervisor administrativo de Patrimônio da Associação Notre Dame, Nestor José Foresti.

O coordenador do Programa de Eficiência Energética da RGE (PEE-RGE), Cristian Sippel, ressaltou os benefícios possíveis através da iniciativa. “Além de contribuir para a redução da conta de luz, por se tratarem de sistemas mais eficientes, a iniciativa também contribui para o meio ambiente, pois evita maior

emissão de gás carbônico na atmosfera”, detalhou em visita à Sede da Associação Notre Dame.

Propósito da instituição

O cuidado com a natureza e a sustentabilidade gerados pelo projeto de eficiência energética vem ao encontro dos propósitos da Associação Notre Dame, como salienta a Superiora Provincial da Congregação das Irmãs de Notre Dame, Irmã Vania Dalla Vecchia: “Essa parceria com a RGE consolida um caminho que estávamos buscando e servirá, também, como estímulo de ações educativas com os nossos alunos, para que sejam multiplicadores em suas casas e comunidades”.

Investimentos nos projetos

Para a execução das obras do projeto, a RGE, através de recursos do Programa de Eficiência Energética da empresa (PEE-RGE), encaminhou para a Associação Notre Dame o repasse a fundo perdido, que significa sem reembolso à concessionária.

Em contrapartida, a Associação Notre Dame efetuou um aporte de recursos próprios no valor equivalente a aproximadamente 25% dos repasses do programa para a complementação do projeto. No

entanto, esta contrapartida precisou ser maior que o previsto inicialmente. O motivo, segundo Foresti, foi a necessidade de adequação das subestações do Colégio Maria Auxiliadora, Santa Teresinha e Recanto Aparecida, em função de exigências técnicas da RGE, aprovadas pela ANEEL, elevando o investimento da Associação Notre Dame ao dobro do que era previsto inicialmente.

Como retorno, além da contribuição ambiental, os projetos devem resultar na redução de consumo anual, estimado em 620 MWh, conforme o sócio-diretor da DSA Engenharia.

ENTREVISTA

Fábio Gaspar, sócio-diretor da DSA Engenharia

Enfoque Notre Dame - Quais avalia que sejam os principais ganhos para a instituição com a implementação do projeto?

Fábio Gaspar - Os ganhos são diversos: i) a redução nos custos de manutenção em função da renovação dos equipamentos instalados e o aumento da vida útil através da tecnologia empregada; ii) redução da carga instalada nas escolas e alívio das instalações elétrica; iii) ganhos financeiros decorrentes da redu-

FOTO: Divulgação/DSA Engenharia





FOTO: Arquivo pessoal

Fábio prevê redução anual de 620MWh

ção do consumo; iv) geração da própria energia através de fontes renováveis, imagem verde.

Enfoque - Pelo ponto de vista da sustentabilidade, qual é o impacto ambiental deste projeto?

Gaspar - O impacto, do ponto de vista ambiental, é bastante importante, visto que a economia do projeto proporcionará uma redução de, aproximadamente, 183 toneladas de carbono, anualmente. Isso equivale a 1.310 árvores plantadas todo o ano para compensar essa mesma quantidade de emissão de CO₂. Considerando que os painéis fotovoltaicos possuem uma vida útil de 25 anos, dá para perceber o grande benefício ambiental gerado pela Associação Notre Dame.

Enfoque - A substituição nos 4.100 pontos de iluminação já foi concluída?

Gaspar - Sim, só estamos revisando as instalações realizadas.

Enfoque - Como foi feito o descarte das lâmpadas antigas?

Gaspar - Essa é uma obrigação da ANEEL, agência que regulamenta o Programa de Eficiência Energética das Concessionárias de Energia do Brasil. O descarte de lâmpadas foi realizado na última semana de abril e é uma importante etapa do projeto, pois, conforme determina a ANEEL, todo e qualquer equi-

pamento substituído no programa deve ser ambientalmente descaracterizado de forma a não retornar para o sistema elétrico equipamentos ineficientes.

Enfoque - Já pode ser percebida alguma economia na conta de luz?

Gaspar - Sim, estimamos uma redução, somente com a iluminação, na ordem de 25%.

Enfoque - Em quanto tempo deve ser percebida esta economia de 80% no consumo de energia elétrica?

Gaspar - A economia deve ser percebida no mês de julho, quando todo o sistema de iluminação estará eficientizado e em operação, assim como todos os sistemas de geração de energia fotovoltaica. A redução no consumo de energia será na ordem de 80%, já o ganho financeiro ficará na faixa de 67,5%.

Programa selecionou 21 projetos

O projeto da Associação Notre Dame está dividido em dois grupos: alta e baixa tensão. O projeto de alta tensão contempla o Colégio Maria Auxiliadora e o Recanto Nossa Senhora Aparecida, ambos de Canoas; e o Colégio Santa Teresinha, de Taquara. Já o de baixa tensão inclui as Escolas Sagrada Família, de Rolante; Madre Júlia, de São Sepé; Maria Rainha, de Júlio de Castilhos; e Santa Catarina, de Santa Maria; além do Sítio Notre Dame, localizado em Nova Santa Rita.

Estas duas ações são parcialmente financiadas por recursos do Programa de Eficiência da RGE. Ao todo, a distribuidora RGE selecionou 21 projetos de eficiência energética no âmbito da Chamada Pública de Projetos para 2019. A empresa vai destinar R\$ 22,3 milhões para eficientização do consumo de energia elétrica de instituições de ensino, hospitais e iluminação pública em 18 cidades gaúchas. A iniciativa é regulamentada pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL).

Como funciona a energia solar

Energia solar fotovoltaica significa a conversão direta da radiação solar em energia elétrica. Ela é



FOTO: Divulgação/DSA Engenharia

realizada pelas chamadas células fotovoltaicas, compostas por material semicondutor, normalmente o silício. Ao incidir sobre as células, a luz solar provoca a movimentação dos elétrons do material condutor, transportando-os pelo material até serem captados por um campo elétrico (formado por uma diferença de potencial existente entre os semicondutores). Assim a eletricidade é gerada.

Constituído por painéis, módulos e equipamentos elétricos, o sistema fotovoltaico não exige um ambiente com alta radiação para funcionar, porém a quantidade de energia produzida depende da densidade das nuvens, ou seja, quanto menos nuvens houver no céu, maior será a produção de eletricidade.

Esta forma de obtenção de energia é considerada uma das mais promissoras atualmente e vem crescendo cada vez mais em virtude da redução dos preços e dos incentivos oferecidos para que os países adotem fontes renováveis de energia.

FOTO: Divulgação/DSA Engenharia



Gestores na hora do caos

Por Prof. Dr. Rogério Ferraz de Andrade



FOTO: Divulgação

Deusa Tykhe, venerada pelos gregos

Os otimistas diriam que não há melhor tempo para crescer do que em momentos de crise e dificuldades. Aquilo que os pessimistas veem como impedimento, outros percebem como possibilidade de renovar energias, desenvolver novas competências e empreender, refazendo-se e garantindo o seu lugar no mundo.

Os gregos veneravam a deusa *Tykhe*, a quem era atribuída a responsabilidade pela sorte de uma cidade ou de uma pessoa. Sem maiores delongas, pros-

perar ou naufragar consistia na consequência da decisão de andar ao lado da deusa ou afastar-se dela. O alcance dos poderes de *Tykhe* estendia-se também às punições aos que, de modo arrogante, abusavam dos benefícios por ela concedidos.

Os mitos, como sabemos, pretendiam dar respostas às questões cruciais da vida humana. Neste caso, referimo-nos aos momentos que estão fora do nosso controle, não previstos por nós, e que, portanto, não dispomos de respostas claras. Pois bem, os gestores situam-se, neste momento, diante de um mosaico de situações e problemáticas, às quais precisam, muitas vezes, dar respostas urgentes e inequívocas, porém equilibradas, consistentes e que visem mitigar os desastres que virão pós-coronavírus.

Deixemos de lado, por um momento, os oportunistas. Não nos detenhamos naqueles que aproveitaram esta tragédia terrível da história para barganhar débitos frutos de irresponsabilidade financeira e/ou de má gestão de seus compromissos. Eles também estão por aí, na expectativa de aproveitar algum rescaldo em toda esta odisséia pela qual atravessam as empresas e instituições. Deixemos de lado (aqui), mas não nos deixemos seduzir por eles, pois investirão e já estão investindo com atitudes, falas, e-mails e posturas dignas do Oscar, com histórias que comoveriam até os mais racionais dos gestores.

Voltemos à *Tykhe*, a deusa da sorte. Muitas vezes ela era representada iconograficamente segurando um leme, com os olhos vendados. Muito sugestiva a imagem, pois qual de nós não está com esta sensação? Temos o leme nas mãos, mas sabemos para onde vamos? O que virá daqui para a frente? Este barco que ora conduzimos destina-se a chegar a algum porto ou nossa tendência é naufragar, fracassando definitivamente em nossa tarefa de gestores? Entre o certo e o possível, penso que nos resta a tarefa de buscar caminhos que nos ajudem a lidar com esta situação inusitada pela qual todos passamos. Podemos estar em barcos diferentes, mas o mar que navegamos é o mesmo, embora as coisas já não sejam mais como antes. São tempos de agitação, e não de calmaria. Se há algo que nos identifica enquanto gestores e nos aproxima

neste momento é o fato de que esta é a hora de justificarmos o lugar que ocupamos, ou seja, de revelar as razões pelas quais estamos ocupando este cargo.

Alguns temas devem estar em nosso horizonte na hora das decisões pelas quais optamos. São elas:

1. **Não perca o foco:** cada gestor necessita pensar na finalidade de sua organização, negócio e/ou empreendimento. Não há tempo mais propício para naufragar comprando ideias e produtos alheios à natureza dos negócios do que em tempos de crise. Lembre-se: se as soluções fossem tão fáceis, ninguém as venderia; ou, como se diz na gíria, “não existe almoço grátis”. Acreditar em soluções fáceis e miraculosas em tempos de crise é tão efetivo quanto comprar um bilhete premiado.
2. **Não queira agradar a todos:** ao gestor cabe o olhar que ultrapassa os casuísmos. Todos querem ver os seus pequenos problemas resolvidos imediatamente. É impossível que todos saiam satisfeitos ou fiquem contentes com as decisões dos gestores. Querer agradar a todos é caminho mais rápido para

o fracasso. Muitas vezes é necessário ser firme, mesmo que as decisões pareçam antipáticas. Quem irá responder pelo êxito ou pelo fracasso será o gestor, e não aqueles a quem tentou agradar.

3. **Mantenha uma postura firme e clara:** as decisões dos gestores precisam ser comunicadas de modo claro e efetivo aos que compõem a empresa e/ou a organização. É preciso um posicionamento claro e transparente dos gestores sobre os passos adotados e as razões pelas quais estão sendo tomados, a fim de que não haja ruídos na comunicação. Lembre-se: aquilo que é comunicado pode ser cobrado. O que fica oculto, não.
4. **Vislumbre para além do momento presente:** lembre-se de que, de uma forma ou de outra, as crises são sempre superadas, e esta, provavelmente, também passará. É fundamental ater-se às possíveis consequências das decisões tomadas na hora de crise, para que não inviabilizem e/ou comprometam a saúde financeira e nem a credibilidade da instituição quando tudo

FOTO: Divulgação



isso passar. Em gestão, é preciso ter presente as legislações que norteiam o mundo do trabalho, sem ceder a ingenuidades por decisões impensadas nem seguir a onda do “todos fazem assim”.

5. **Incentive a colaboratividade de todos:** os períodos de crise suscitam a oportunidade inigualável para que os gestores possam discernir entre os verdadeiros colaboradores e aqueles que simplesmente veem a instituição, empresa, organização como provedor de seus recursos financeiros. Este é um período que vai despertar o melhor e o pior de cada pessoa, quer seja colaborador e/ou cliente. O egoísmo e o ganha-perde nesta hora não servirá a ninguém. É preciso que todos entendam que de nada adianta ganhar em pequena escala agora, barganhando oportunismos, se no final todos perderão com a extinção da empresa. É preciso deixar claro que todos sairão ganhando à medida que todos cola-

borarem e se dispuserem a dar o melhor de si.

Como bem afirma o adágio conhecido por todos “bons tempos não formam bons marinheiros”, tampouco forjam bons gestores. A oportunidade *sui generis* que se afirma diante de nós pede-nos, ou melhor, conclama-nos a agirmos com serenidade e responsabilidade. O que herdamos dos que vieram antes de nós não precisa e não pode perder-se pela incapacidade de estabelecer e pensar estratégias exequíveis e resolutivas das questões que vão surgindo dia após dia. Alguns dirão que foi sorte - talvez ela, a deusa Tykhe, tenha escolhido alguns para conceder suas benesses, quem sabe? - o certo mesmo é que, para muito além da sorte (incerta), o que pode nos salvar nesta hora é compartilharmos uns com os outros reflexões positivas em vez de espalhar medo e terror. Eu continuo fazendo minha parte e espero, ansioso, receber apoio de outros gestores mais experientes do que eu. Por enquanto, disponho-me a continuar buscando saídas, pois bem melhor do que chorar pelas trevas creio que seja acender luzes.

FOTO: Divulgação



Família, escola e um único objetivo

Por *Richar Dias Feijó, bancário, fotógrafo e pai do Joaquim, aluno da Escola Estrela do Mar*

Se eu lhe perguntar “o que é educação”, o que você responderia?

Se eu lhe oferecer “a melhor educação para seu filho”, qual a primeira coisa que lhe vem à cabeça? Muito provavelmente, a oportunidade de estudar na melhor escola.

E se eu lhe dissesse: “seu filho é um mal educado”, a quem você atribuiria à culpa? À escola ou a você mesmo?

Essas provocações servem para ilustrar a complexa relação família/escola na “difícil missão de educar” - clichê à parte. A própria etimologia da palavra reflete a amplitude do conceito ao remeter, simultaneamente, o seu significado às ações de “instruir” e “criar”, enclausurando, em sentido único, a linha tênue que delimita os papéis de cada instituição. Traduzido do latim “conduzir para fora”, este sentido era empregado no conceito “de preparar as pessoas para o mundo e para o convívio social”, ou seja, para fora de si mesmas.

É aí que nós, pais e escola, achamos o nosso nobre objetivo comum: formar um ser humano.

Está em nossas mãos a responsabilidade de conduzir uma pessoa à sua melhor versão desde o momento do nascimento e, também, da matrícula. E não existe manual de instruções para nenhum dos dois tipos de educadores que somos. Se por um lado vamos aprendendo no tato, aos tropeções ou baseados nos conselhos das avós; por outro, a escola baseia-se na estatística e em teorias sazonais, limitada por diretrizes educacionais, leis e orçamentos.

A evolução social e tecnológica tornam as coisas ainda mais difíceis ao tempo em que sua velocidade é muito maior do que nossas demoradas discussões pautadas na opinião de um sobre o papel do outro em detrimento da autoanálise.

Enquanto discutimos, nossos filhos são educados por Youtubers, hipnóticos programas de TV desde tenra idade e aplicativos de redes sociais manipulados por algoritmos de inteligência artificial que lhes sugerem o que consumir, no que acreditar e

até em quem votar. Uma criança com um smartpho-
ne tem mais acesso ao conhecimento do que a pessoa mais poderosa do mundo há 50 anos, mas, irônica e constantemente, fecha-se em si mesma, contrariando o conceito de educar.

Investimos muito no conhecimento e pouco na consciência humana, e é justamente essa consciência que conduz o indivíduo às suas decisões e atitudes.

Sob esse prisma, é mais adequado que o aluno enfrente questões do tipo “por que descobriram o Brasil” em substituição ao empoeirado “quem descobriu o Brasil.” Pesquisar no Google não só responde essa questão instantaneamente como ainda abre alternativas de discussão ao apresentar diferentes pontos de vista, nem sempre confiáveis. Cabe ao aluno a análise.

O homem sempre foi muito bom em criar ferramentas, mas nunca foi muito bem em saber usá-las. O excesso de informação acaba por trazer um nível de ignorância assustador. Investimos muito no conhecimento e pouco na consciência humana, e é justamente essa consciência que conduz o indivíduo às suas decisões e atitudes. É a consciência que forma o caráter, a capacidade crítica, desperta o pensamento e dissemina a ideia de um “todo”, maior do que uma tela de alta definição.

Em um mundo inundado de informações irrelevantes, clareza é poder. Em teoria, qualquer um pode se juntar ao debate sobre o futuro, mas é muito difícil manter uma visão lúcida.

Teremos mais sucesso se pudermos despertar a lucidez de nossos filhos e alunos através do desenvolvimento da consciência. E isso só será possível com a integração harmoniosa e indissolúvel entre família e escola em prol deste objetivo maior, indispensável e indelegável, para a construção de um futuro melhor para toda a sociedade.

Tendências em educação

Por Solange Petrosino, diretora acadêmica na Editora Moderna.



FOTO: Divulgação

Tendência, aquilo que leva alguém a seguir uma determinada proposta ou agir de certa forma. Quando falamos em tendência em educação, nos referimos a quê? Desde quando temos uma propensão a seguir algum caminho? Que elementos nos levaram a entender que precisávamos mudar o curso das coisas?

A escola, em sua função social, tem uma relação dialógica e dialética com a realidade e procura responder com novas organizações, metodologias e estratégias para atender às demandas da sociedade, mas vem encontrando dificuldade em dar respostas assertivas em um mundo de transformações rápidas e constantes. Mudou a forma de se comunicar, de comprar, de trabalhar e de atuar no mundo. O desafio dos educadores está em encontrar as chaves para romper paradigmas, com responsabilidade.

Quando a educação assumiu o espaço coletivo como a resposta para ter o maior número de jovens e crianças com acesso à educação, ganhamos uma solução e vários problemas. Resolvemos a questão da es-

cala, mas perdemos na personalização, na intervenção mais adequada e em uma aula com mais sentido e significado para os alunos mais protagonistas.

As mudanças radicais em educação não são tranquilas; implementação de mudanças exige cuidado. Escola é processo, é responsabilidade. Então, como acompanhar essas inovações do mundo? Várias foram as devolutivas para essa questão: interdisciplinaridade, metodologias ativas, tecnologia educacional e o resgate de teóricos.

Se analisarmos as propostas inovadoras, elas miram na mesma direção: para a não massificação do ensino, o desenvolvimento de competências, a não fragmentação do conhecimento e o aluno como um agente ativo na aprendizagem. Esses elementos se mantêm mesmo frente a grandes transformações do mundo, eles direcionam para uma formação integral de um sujeito com flexibilidade e capacidade de adaptação a diferentes cenários, íntegro e que contribua para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Ao retomarmos os documentos de referência em educação, verificamos que já caminhavam nessa direção os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) de 1996 e, mais recentemente, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), entre outros.

O que podemos destacar de comum entre eles e que representam as tendências em educação?

1. Formação integral

A escola nunca foi alheia a desenvolver o sujeito em seus aspectos biopsicossociais, o que mudou é a clara intencionalidade explicitada no planejamento dos educadores, com objetivos sistematizados e, conseqüentemente, com processos avaliativos coerentes com essa proposta de formação integral. Considerar o desenvolvimento de competências físicas, socioemocionais e cognitivas pressupõe um olhar mais holístico para o ensino, voltado para uma melhor inserção social e profissional, para o aluno ter orientações suficientes para desenhar e colocar em prática um projeto de vida, para que ele atue decisivamente na sociedade. Zabala, já em 1998, propunha uma mudança no currículo de forma a considerar as finalidades do ensino baseadas em uma formação integral.

2. Desenvolvimento de habilidades e competências

Por anos, a concepção de currículo por grande parte de educadores se traduzia em uma relação de conteúdos e informações distribuídos pelos anos letivos; atualmente, são colocados como objetos do conhecimento e estão a serviço do desenvolvimento de competências e habilidades. A informação chega ao aluno por diferentes fontes e formatos, e transformá-la em conhecimento é estabelecer relações. É papel do professor capacitar o aluno para buscar a informação, conectar com seu conhecimento e usá-la em diferentes situações e a seu favor. Independentemente das mudanças, as habilidades e competências desenvolvidas nos alunos permitirão que eles possam fazer escolhas dos seus caminhos.

3. Personalização da aprendizagem e aprendizagem visível

Os alunos e todos nós temos diferentes ritmos e estilos de aprendizagem, capacidades cognitivas, desejos e objetivos e ainda vivemos em diferentes contextos, e considerar essa diversidade no planejamento de ensino aumenta a efetividade da aprendizagem. Isso pressupõe trabalhar com diferentes dados sobre a aprendizagem e o perfil dos alunos, considerar outras informações além dos resultados em avaliações mais tradicionais. Ter dados sobre nível de proficiência, habilidades cognitivas e socioafetivas, apropriação do conhecimento, entre outras informações, e a sua devida interpretação e análise tornam a gestão da aprendizagem e a decisão por uma possível intervenção mais cuidadosa, com feedbacks durante e acompanhamento após as aulas. A personalização traz implícitos conceitos como Big data, aprendizagem adaptativa e o uso de tecnologias. Essa conduta maximiza o impacto da aprendizagem, com consequentes resultados mais efetivos e uma melhor gestão da sala de aula.

4. Pensamento complexo e interdisciplinaridade

A divisão do conhecimento em componentes curriculares se fez necessária por questões didáticas e organizacionais, mas não atende mais à sociedade nem ao sentido e ao significado que os alunos necessitam durante seu percurso escolar. O conceito de pensamento complexo foi cunhado pelo filósofo Edgar Morin, que, em seus estudos, percebeu a necessidade de interligar as diversas dimensões do real na aprendizagem, com um pensamento nem redutor nem totalizante, mas reflexivo frente ao mundo multidimensional. O desafio é ter o todo e as partes, não só isto ou aquilo, o bem e o mal, é a capacidade de reflexão sobre com o que a gente se depara. Essa postura leva a uma melhor compreensão de mundo e atuações mais assertivas nele. Zabala, em 1998, propunha uma mudança que, até recentemente, não chegou a se concretizar de forma efetiva no currículo brasileiro. A interdisciplinaridade não é a jun-

ção de diferentes componentes, é, ao contrário, frente aos objetivos que tenho no meu planejamento de compreensão de conteúdos complexos e múltiplos, como eu elenco estratégias e componentes para atingir esses objetivos a partir de diferentes áreas do conhecimento, sem perder a relação do todo, presente nos meus objetivos. Não é a extinção dos componentes curriculares, é uma nova organização e planejamento integrado.

5. Metodologias ativas

Durante uma aula expositiva ou assistindo à televisão, uma pessoa tem o mesmo grau de atividade cerebral, quase nulo. O que esses dois momentos têm em comum? O papel de quem está assistindo à aula ou à televisão, meramente passivo, de escutar a informação e armazená-la em suas memórias sem fazer associações ou estabelecer relações. O que as metodologias ativas se propõem é inverter essa dinâmica, tornando o aluno ativo durante o processo de aprendizagem. Quais as vantagens disso? Maior motivação e engajamento dos alunos, desenvolvimento de habilidades e competências, aulas mais significativas, novos conhecimentos ancorados em conhecimentos anteriores e armazenados em memórias mais perenes, que podem ser resgatados para novos aprendizados e ao longo de sua vida. São muitas as metodologias ativas existentes, vamos retomar algumas delas:

- a. A sala de aula invertida ou Flipped Classroom consiste em utilizar o momento em que os alunos estão juntos, na aula, e sob a mediação do professor, para atividades em que necessite se relacionar com os colegas de forma colaborativa ou para desenvolver habilidades cognitivas mais complexas, deixando o momento fora da sala de aula para atividades nas quais o aluno consiga desenvolver sozinho. A sala de aula fica dedicada a momentos de ativa participação dos alunos, construindo, planejando, compartilhando, decidindo, ou seja, desenvolvendo competências a partir de um planejamento bem estru-

turado do professor, com declarada intencionalidade das estratégias e de seus objetivos. Essa estratégia é potencializada se associada ao Ensino Híbrido ou Blended Learning, que está embasado no uso das tecnologias para utilizar aprendizagem virtual e presencial conforme os objetivos; nesse caso da sala de aula invertida, para acompanhar as atividades realizadas em modalidade extraclasse.

- b. Na aprendizagem baseada em problemas, o principal disparador da aprendizagem é uma situação complexa da realidade, com um desafio para o qual os alunos não têm resposta imediata. O problema ou situação-problema inicia um processo de pesquisa, reflexão, colaboração e experimentação coordenado pelo professor. Essa metodologia pode combinar com outras estratégias ativas.
- c. A gamificação também tem trazido elementos motivacionais para as aulas, não é transformar as aulas em jogos, é utilizar elementos dos jogos nas aulas e na atividades, tais como: aprendizagem baseada em desafios (resgatando Vygotsky), feedbacks instantâneos, recompensas (não necessariamente nota ou prêmios, pode ser reconhecimento dos seus progressos), entre outros.
- d. Na Aprendizagem em pares ou peer to peer, o professor organiza atividades em pares, de forma intencional, colocando alunos com habilidades complementares para um aprendizado mútuo.
- e. Na Cultura Maker, os alunos constroem, modificam ou elaboram coisas com as próprias mãos, para responder às necessidades, para descobrir ou testar teorias ou, ainda, socializar seus conhecimentos.

6. Aprender a aprender – aprendizagem ao longo da vida

Aprender a aprender dentro e fora da escola e para o resto da vida é uma tarefa que deve estar



FOTO: Divulgação

associada a todo ser humano. A aprendizagem ao longo da vida é um conceito que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) define como aquela “[...] realizada por toda pessoa desde o nascimento até a morte, em qualquer idade, em âmbitos formais, não formais e informais de aprendizagem (a família, a comunidade, o sistema escolar, o grupo de pares, os meios de informação, o sistema político, a participação social, o jogo, o trabalho, a leitura e a escrita etc.) e recorrendo a todos os recursos socioculturais a seu alcance”. A escola é a principal responsável por desenvolver essa capacidade.

7. Neuroeducação

Atualmente, temos acesso à evolução dos estudos sobre o funcionamento do cérebro. Entender como os alunos aprendem, como estudam

e como se desenvolve o cérebro humano tem feito cada vez mais parte da formação continuada dos professores, e as teorias recentes têm acrescentado muito à prática docente, proporcionando vantagens importantes ao processo de ensino-aprendizagem. A tendência ou solução perfeita não existe, a mistura de várias abordagens e opções, alinhadas à demanda do contexto específico e do caminho percorrido é o que levará às escolhas perfeitas. Para isso, precisamos conhecer com profundidade para não sermos levados por modismos educacionais, desconectados de um processo de transformação.

A ideia desse texto foi dar um panorama abrangente para, quem sabe, inspirar um estudo mais aprofundado com o qual você possa diagnosticar necessidades, compreender cenários e propor rotas que levem a uma melhor experiência de vida e aprendizado para alunos e educadores.

O futuro já chegou

Inteligência artificial traz novas perspectivas para a educação

Por Tamires Hoff



FOTO: Divulgação/CMA

A tecnologia penetra a nossa vida de forma imperceptível e de muitas maneiras, seja através de aplicativos da internet, do telefone celular, entre tantos outros meios. A Inteligência Artificial (IA) faz parte do nosso presente e não é diferente na educação, área em que apresenta novas perspectivas.

Com a pandemia de coronavírus e a necessidade do aprendizado à distância, as plataformas digitais ganharam velocidade na chegada às escolas, como ressalta a consultora de Inovação da Editora Moderna, Gabriela Dias Cunha. “Elas podem permitir um ensino híbrido em que, por exemplo, os alunos tenham acesso à instrução de modo mais personalizado, ao mesmo tempo em que tutores humanos remotos expliquem conceitos difíceis, tirem dúvidas ou ajudem a resolver problemas”, revela Gabriela.

Apesar dessa maior presença da IA, que pode ser observada atualmente, ela surgiu na educação ainda na década de 80, como observa a professora de Ciência da Computação e coordenadora de Tecnologia da Informação e Comunicação da Unesco na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rosa Maria Vicari. “Esses sistemas conseguem monitorar e simular o processo cognitivo que o aluno utiliza para resolver um problema e, com isso, interferir de forma pontual e personalizada, caso necessário”, detalha a professora que coordenou o estudo “Tendências em Inteligência Artificial na Educação”, a pedido do Serviço Social da Indústria (SESI) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). O resultado mostrou as tecnologias educacionais baseadas em IA que devem chegar às escolas até 2030.

A expansão do uso de sistemas tutores inteligentes para ensino personalizado é uma das apostas reveladas pela pesquisa. Através dessa ferramenta, é possível identificar se o aluno aprendeu o conteúdo ensinado e reconhecer qual a melhor estratégia pedagógica para ser utilizada em cada momento. Esse formato de ensino individualizado ajuda a desenvolver as habilidades e as competências do estudante, segundo Rosa. “Por exemplo, um aluno que já conhece um assunto que está sendo abordado no currículo de uma determinada disciplina pode realizar atividades diferentes de outro aluno que nunca havia tido contato com esse assunto ou até mesmo conhecimento dele. Desta forma, as atividades educacionais podem se tornar mais interessantes e motivadoras para todos”, detalha, mas salienta que essa é mais uma forma de se tratar com situações educacionais. “Não significa que seja mais eficiente que outras”, completa.

Computação em nuvem é outra tecnologia listada pelo estudo, e a expectativa é que até 2030 esteja presente em 70% das instituições brasileiras de ensino. A pesquisadora da UFRGS reforça que a tecnologia já é uma parceira dos estudantes e cita que, apenas nos Estados Unidos, foram investidos US\$ 600 milhões, só no ano passado, no mercado de software educacional. “O que ainda faltam são bases de conhecimentos que tenham passado por cura-

doria, ou seja, possuam conhecimentos corretos. O problema das informações da Internet é que, muitas vezes, não são adequadas”, alerta.

Plataformas adaptativas

Com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a tecnologia passou a ser competência do ensino. As plataformas adaptativas, como reafirma Rosa, são ferramentas que podem possibilitar a personalização das atividades entregues aos alunos, de acordo com a capacidade e o conhecimento de cada um.

Para o professor assistente do Programa de Pós-Graduação em Computação Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Gabriel de Oliveira Ramos, há diversas possibilidades através das plataformas, que possibilitam a “identificação e sugestão de percursos de aprendizado adequados aos diferentes perfis de alunos. Ambientes de aprendizagem modernos contam com objetos de aprendizagem heterogêneos, incluindo textos, vídeos, podcasts, exercícios, jogos, projetos etc. Neste tipo de ambiente, o percurso de aprendizagem, ou seja, a ordem com a qual os objetos são consumidos pelo aluno não é fixa”, sugere o professor que é doutor em Computação e pesquisador na área da Inteligência Artificial.

FOTO: Richar Feijó



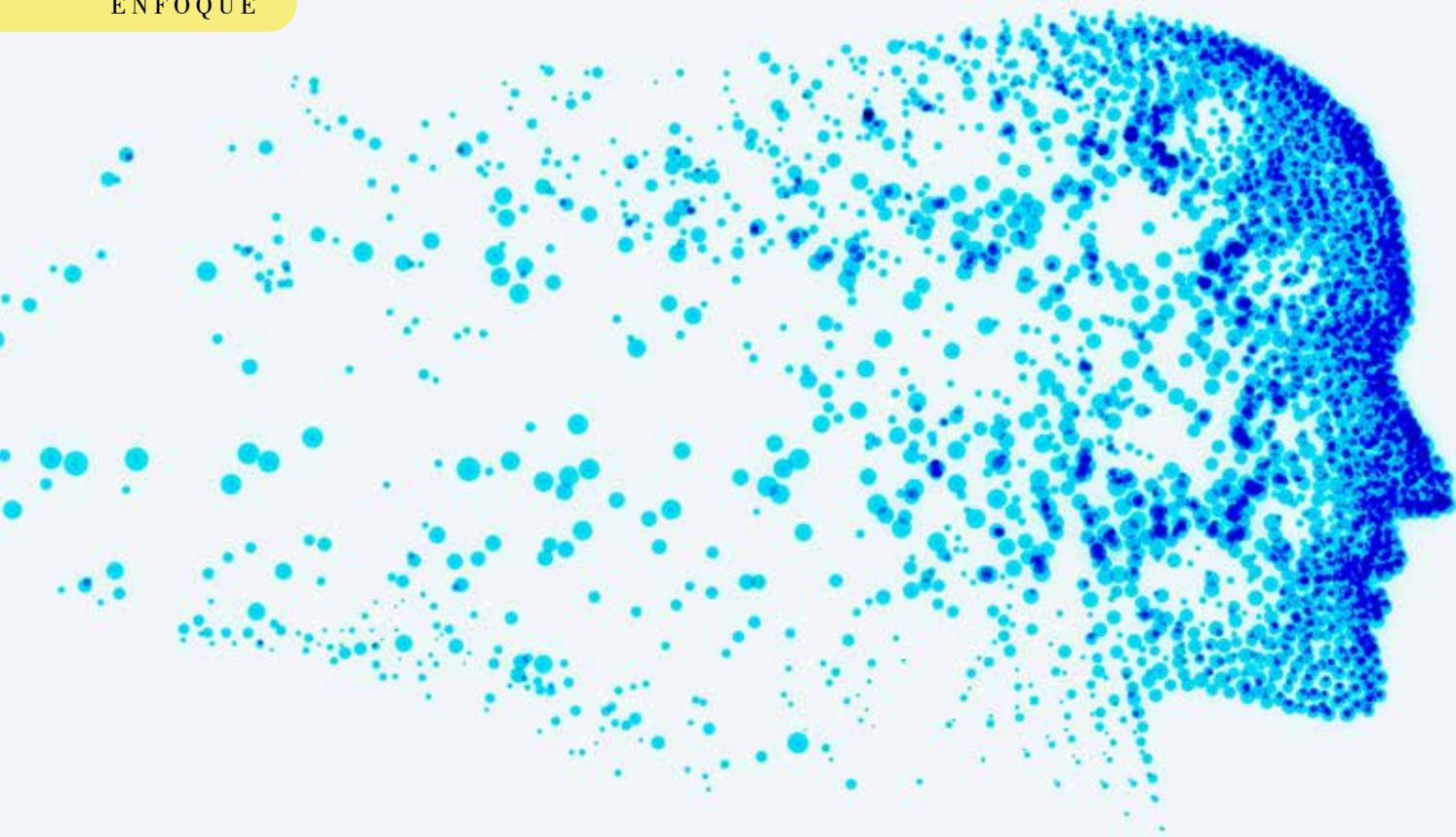


FOTO: Divulgação

Ramos ressalta que, por meio da coleta de feedback dos alunos e observação do rendimento, é possível identificar os objetos mais adequados para o perfil do aluno. “Este tipo de abordagem é utilizada por serviços de streaming (como YouTube, Netflix etc.), em que, após assistir a um determinado filme A, recebemos a recomendação para assistir a outro filme B, considerando que pessoas que assistiram ao filme”, exemplifica.

Mercado de trabalho

Os futuros profissionais devem encontrar um mercado de trabalho diferente.

O doutor em Computação indica impactos positivos com a redução de algumas das lacunas do conhecimento. Conforme Ramos, hoje em dia, muitos profissionais têm dificuldades para realizar operações matemáticas básicas e para escrever textos corretos. “Ao melhorar o ensino, teremos profissionais mais capacitados, o que se traduz em tarefas melhor desempenhadas, ganhos de produtividade em todos os setores, e uma maior competitividade da mão de obra brasileira”, sintetiza o professor da Unisinos.

No entanto, a pesquisadora da UFRGS destaca a necessidade de discussão das habilidades e competências dos estudantes. “Por exemplo, ao terminar um curso de vários anos, como por mágica, surge um sistema de IA e/ou robótica, que acaba com o emprego deste indivíduo. E a tecnologia elimina empregos mais do que os cria. Os que são criados dificilmente serão na mesma atividade dos eliminados. Isso significa requalificação. Estes são alguns dos nossos desafios hoje com a educação”, opina Rosa. Ela ainda cita as projeções do relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que estima um desemprego maior na faixa da população menos qualificada, em média de 84% nos próximos 10 anos; de 45% na faixa da população com qualificação média; e de 4% na mais qualificada.

Tendências até 2030

O estudo “Tendências em Inteligência Artificial na Educação” foi elaborado através da análise das bases de patentes nos Estados Unidos, na União Europeia, no Canadá e no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) no Brasil. Também foram

consultadas as bases internacionais de artigos científicos e documentos apresentados em congressos.

Entre as tendências está o Processamento de Língua Natural (PLN), no qual um computador é capaz de entender e interpretar a linguagem humana. O recurso vai permitir o intercâmbio entre alunos de nacionalidades diferentes e a transmissão em tempo real de aulas em línguas distintas, as quais serão traduzidas para os estudantes.

Outro destaque do estudo é o chamado learning analytics. O recurso interpreta dados e pode apontar o progresso acadêmico, prevendo o desempenho e detectando possíveis problemas no aprendizado. A robótica educacional também é uma aposta que deve estar mais presente nos currículos das escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Utilização de plataformas para a integração de atividades educacionais com atividades sociais devem ser mais comuns, assim como sistemas para preenchimento automático de relatórios escolares e registros de presença, como frisa a coordenadora de Tecnologia da Informação e Comunicação da Unesco na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rosa Maria Vicari. “A interoperabilidade permite o desenvolvimento dos chamados ecossistemas, ou seja, haverá várias aplicações computacionais (de IA

ou não) conversando umas com as outras para fornecer serviços ao usuário”, menciona Rosa como sendo outra tendência e prevê que as interfaces vão mudar a forma como nos comunicamos com as máquinas.

“O objetivo não é substituir o professor”

Aos professores a IA também pode ajudar em tarefas rotineiras, de acordo com a consultora de Inovação da Editora Moderna, Gabriela Dias Cunha. Ela cita uma pesquisa americana do EdWeek Research Center, na qual 30% dos professores citaram “dar nota” como uma tarefa em que robôs poderiam ajudá-los, enquanto 44% disseram que gostariam de ajuda na gestão de presenças, fazer cópias e outras tarefas administrativas. “Em suma, tem muito trabalho braçal no cotidiano de um professor e talvez sua produtividade pudesse ser melhor com o apoio de uma IA.”

Mesmo com todos os recursos que a tecnologia pode trazer, o doutor em Computação e pesquisador na área da Inteligência Artificial, Gabriel Oliveira Ramos, enfatiza que o objetivo não é substituir o professor, nem os livros, mas, sim, facilitar o aprendizado. “O estudante deve adotar este tipo de tecnologia para aprender de uma forma mais prazerosa e efetiva.”

FOTO: Richar Feijó



Práticas tecnológicas na educação

Claudia Lima Gonçalves, coordenadora de Tecnologia Educacional

O Colégio Maria Auxiliadora trabalha os recursos tecnológicos desde a inserção do termo “Informática na Educação” nas escolas, ainda na década de 90. À medida que novos conceitos foram surgindo, novas aprendizagens também se fizeram necessárias. Passamos por gerações que aprendiam a utilizar o recurso como apoio na aprendizagem, e as gerações atuais fazem do recurso tecnológico parte de sua rotina. Nesta perspectiva, a alfabetização tecnológica deve basear-se em diferentes aprendizagens, de acordo com a faixa etária do usuário e sua resiliência e pró-atividade em aprender o novo.

Ao falarmos em uso de tecnologias na área de educação nos dias de hoje, logo associamos ao uso da informática (ou da TI) como meio tecnológico para o desenvolvimento de tarefas: computador, datashow e ferramentas para conexão com o mundo virtual. Ao voltarmos um pouco na história da educação, podemos observar que o professor utiliza-se de recursos tecnológicos desde os tempos do mimeógrafo, do retroprojeter e do projetor de slides.

Atualmente, professores e alunos não dispõem somente de recursos digitais, mas de ambientes de aprendizagem colaborativos. Nesses ambientes é possível aprender apropriando-se de conceitos, já não tão novos, mas que fazem parte do vocabulário atual da educação: sala de aula invertida, ensino híbrido, ambientes compartilhados etc.

Os recursos de aprendizagem utilizados pelos alunos do CMA são orientados conforme o nível de ensino do estudante, com os denominados AVAs (Ambientes Virtuais de Aprendizagem). É preciso respeitar a faixa etária do aluno, aplicar os recursos em ambientes seguros, capacitar professores para o uso adequado e orientar os alunos para a utilização da tecnologia como recurso pedagógico, e não somente de diversão ou comunicação. Importante também observar as questões legais que buscam a proteção do aluno em relação à sua imagem e exposição.

Em tempos de Estudos Domiciliares, foi necessária a aceleração em alguns processos da alfabetização tecnológica. Professores começaram a trabalhar

conceitos de sala de aula invertida de forma muito acentuada. Da mesma forma os alunos tiveram de aprender a utilização das ferramentas, com apoio de tutoriais. As famílias receberam uma “enxurrada” de ferramentas, conceitos e aplicativos que passaram a ser os facilitadores do processo de aprendizagem.

FOTO: Divulgação/CMA



O Colégio Maria Auxiliadora investe em momentos de formação continuada com os professores, fomentando a troca de experiências e práticas significativas no cotidiano. Neste processo, a Coordenação Pedagógica, além de acompanhar o processo educativo, precisa estar atenta aos recursos adequados a cada faixa etária, incentivando o seu uso nos planejamentos dos professores. Dessa forma, o professor cada vez mais utilizará os recursos como mediador da aprendizagem.

Cabe lembrar que, muito além do recurso tecnológico ou digital disponibilizado para a aprendizagem, o mais importante é a intencionalidade pedagógica da proposta. Aderir à proposta pedagógica da instituição e realizar as proposições que os professores apresentam em seus planejamentos é o que garante que o processo está sendo construído. O termo “tecnologia na educação” é um grande desafio para as escolas. Cada vez mais precisamos trabalhar com instrumentos que sejam facilitadores do processo de ensino e aprendizagem. É preciso enxergar que os recursos estão disponíveis a favor do ensino, e cabe ao professor determinar quando e como utilizá-los de forma prática e interativa. A cultura tecnológica não deve somente gerar respostas prontas para as necessidades do indivíduo, mas propagar instrumentos que favoreçam a construção do conhecimento.

Tecnologia educacional

Alessandra Jaeger, professora

A utilização de ferramentas tecnológicas como apoio no processo de ensino-aprendizagem se faz necessária e urgente. Existe, de fato, certa resistência por parte de alguns professores com relação à utilização da tecnologia em sala de aula em função



FOTO: Divulgação/Estrela do Mar

do desconhecimento do uso de algumas ferramentas, o que gera insegurança em sua prática. No entanto, a questão não se trata de transformarmos a sala de aula em um laboratório de informática onde cada aluno realiza suas tarefas, mas, sim, da adoção de metodologias de ensino híbrido que possibilitam maior interação, motivação e colaboração por parte dos alunos, pois, segundo Moran e Bacich (2015), “[...]o trabalho colaborativo pode estar aliado ao uso das tecnologias digitais e propiciar momentos de aprendizagem e troca que ultrapassam as barreiras da sala de aula[...]”

Incorporar o celular à sala de aula, por exemplo, ainda é algo polêmico em muitas instituições e, de fato, um conflito para as crianças que podem confundir a proposta do trabalho em sala, ficarem entediadas com pesquisas em sites de buscas e acabarem acessando joguinhos e redes sociais. Nesse sentido, a utilização da tecnologia em sala de aula, de forma significativa, está diretamente ligada à mudança de metodologias na abordagem dos objetos de conhecimento. Dois bons exemplos utilizados em nossa escola são as aulas com rotação por estações e a sala de aula invertida. No primeiro, os alunos são divididos em grupos que giram por estações a cada 15 minutos. Essa metodologia permite registros no

caderno, mediação do professor, ações práticas e acesso a conteúdos on-line, como vídeos e jogos que potencializam as discussões e ampliam a reflexão, indo além do livro didático. Já no segundo exemplo, na aula invertida, é disponibilizado ao aluno um conteúdo dirigido pelo professor, em ambiente virtual, sobre algo que ele ainda não aprendeu, para que possa tirar suas próprias conclusões, anotar dúvidas, pesquisar além do que viu ou leu e, depois, em sala de aula, potencializar o seu aprendizado através da discussão com os colegas e mediação do professor, que pode ser realizada através de aplicativos de murais virtuais (Padlet), quizz online e interativo (Kahoot) ou gincana com uso de fichas que permitem ao professor conhecer em tempo real o nível de conhecimento dos alunos (Plickers). Especificamente na educação infantil, a utilização de aplicativos de realidade aumentada mexe com a imaginação das crianças e dá maior significado àquilo que pode ser visto apenas em imagens planas.

Assim, o uso desses aplicativos e de muitos outros, comprovadamente, tornam a aula muito mais dinâmica e significativa para crianças e jovens, uma vez que, mesmo não os conhecendo, eles conseguem dominá-los com grande rapidez, atuam colaborativamente em projetos e na resolução de situações-problema. É certo que ainda estamos caminhando para uma melhor e maior utilização dos recursos tecnológicos na escola. No entanto, não podemos mais negar a introdução dessas ferramentas em nossos planejamentos, uma vez que elas fazem parte da realidade da sociedade em que vivemos e são inerentes ao dia a dia de muitos alunos. Por isso, mais do que simplesmente ofertar a tecnologia ou proporcionar momentos para sua utilização, cabe à escola mostrar às crianças que tablets, notebooks e celulares podem colaborar muito mais para o seu desenvolvimento e crescimento do que elas imaginam.

REFERÊNCIA:

MORAN, J.; BACICH, L. Aprender e ensinar com foco na educação híbrida. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2015/07/hibrida.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

O uso de recursos tecnológicos no ensino de Matemática

Vagner Delevati Fragoso, professor

O uso de recursos tecnológicos tem facilitado a vida em sociedade, pois torna as tarefas práticas e acessíveis e, na área da educação, tem se mostrado mais eficiente ainda. Dessa forma, optou-se por utili-

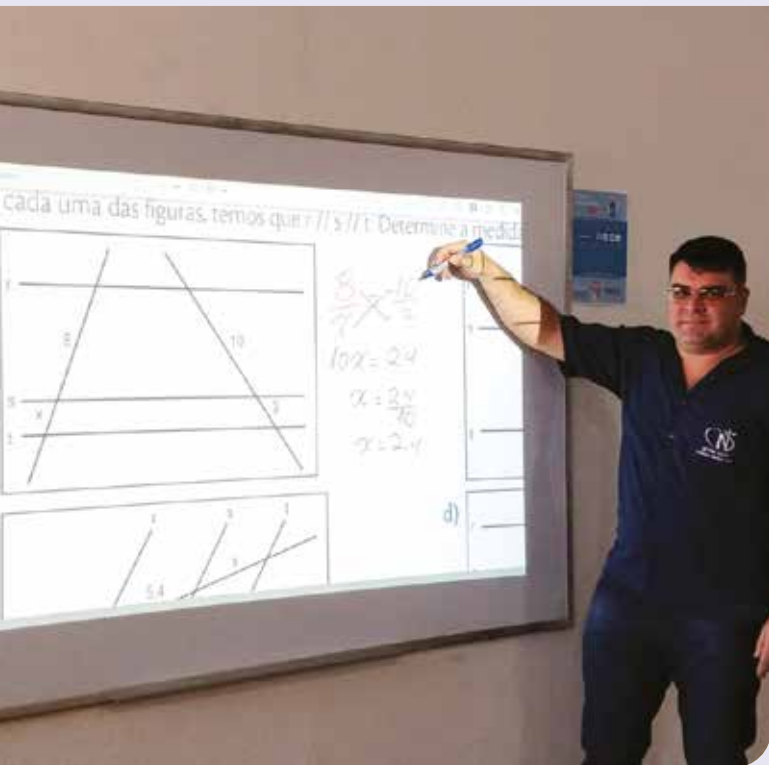


FOTO: Divulgação/Madre Júlia

zar esses recursos na Escola Madre Júlia, uma vez que as salas de aula dispõem de projetores e um material didático que acompanha essa evolução.

Na Matemática do 6º ano, quando se trabalha a origem e a evolução dos números, os alunos concentram-se melhor ao ver as imagens que ilustram cada situação, pois, se contar uma história chama a atenção dos alunos, imagina então mostrá-la. Nesse sentido, facilita trabalhar o conceito de ponto, reta, plano e outros elementos da geometria com a imagem, porque os alunos compreendem melhor a diferença entre a geometria plana e a espacial enxergando as figuras.

No 7º ano, ao abordar o assunto sobre a simetria que pode acontecer por translação, rotação e reflexão, além de relembrar o conceito de plano car-

tesiano, os estudantes conseguem visualizar o que acontece com as figuras em cada caso, e isso facilita a compreensão do que foi trabalhado. Com um nível maior de exigência, é possível verificar as diferentes formas na geometria, efetuando cálculos de perímetro e área de figuras planas.

No 8º ano, retomam-se as transformações geométricas em um nível mais elevado, de forma que consigam enxergar o que não haviam percebido no ano anterior. Estuda-se de forma mais detalhada polígonos e construções geométricas, tornando indispensável o uso do projetor para mostrar as figuras com as propriedades que justificam sua classificação.

No 9º ano, esses recursos são usados, com frequência, para trabalhar semelhança de figuras planas, em especial a de triângulos. Os alunos entendem com facilidade, pois visualizam a figura em tamanho ampliado e prestam mais atenção; as relações entre a álgebra e a geometria são estabelecidas e não se perde mais tempo desenhando plano cartesiano. Acredita-se, portanto, que esses recursos são de suma importância para se trabalhar conteúdos relacionados à geometria, como retas paralelas, ângulos na circunferência, relações métricas no triângulo retângulo, teorema de Pitágoras e razões trigonométricas, pois em todas essas áreas a visualização e o entendimento das figuras envolvidas são fundamentais para a sua compreensão.

Salienta-se, também, a existência de alguns softwares que facilitam o ensino de Matemática. Uma boa alternativa quando se trabalha com volume do prisma e do cilindro é o software Geogebra. Com esse recurso, é possível projetar as figuras no plano cartesiano bidimensional e, posteriormente, ampliar esta projeção para terceira dimensão, trabalhando com os eixos (X, Y, Z). Os discentes conseguem visualizar e compreender a diferença entre faces laterais, polígonos que compõem a base, eixo de rotação, diferença entre área total e volume, dentre outras relações que surgem no decorrer de cada aula.

Dessa forma, compreende-se que é importante inserir essas novas tecnologias em nossas aulas, uma vez que facilitam o ensino-aprendizagem e também as tornam bem mais interessantes para todos. O ensino e as pessoas evoluíram, assim observamos que os educandos precisam de algo que acompanhe seu desenvolvimento na era digital.

A tecnologia a serviço do ensino e da aprendizagem

Eleane Facco Mattiazzi, vice-diretora

Patrícia Fabiane Nanthal Machado, assessora Pedagógica

Não se pode mais pensar no processo educativo dissociado da tecnologia. Os hardwares - smartphones, tablets, notebooks, computadores e outros dispositivos conectados à internet, de relógio a geladeira - evoluem em funções, armazenamento, desempenho e design, tudo para rodar os cada vez mais completos e intuitivos “softwares”, que são programas, aplicativos, com uma variedade infinita, desde troca de mensagens, jogos, redes sociais, transporte, entrega de comida, streaming de música, podcasts, até telemedicina, monitoramento do sono, vídeos on demand. É uma lista interminável de atrativos que nos prendem às telas.

Todo esse aparato tecnológico permeia o cotidiano dos nossos alunos. Antes utilizados quase só para atividades de lazer, atualmente são empregados, de forma sistemática, para a realização de trabalhos e estudos. Esses recursos, quando disponibilizados para a educação, aproximam o acesso à informação e ao conhecimento, porém devem ser postos de uma maneira muito bem planejada pelos educadores.

FOTO: Divulgação/Maria Rainha



Atualmente, com a disseminação da informação pelo uso da internet, temos acesso a qualquer tipo de dados, pois, frente a um computador ou a um celular, podemos realizar muitas atividades on-line. Entretanto, acredita-se que a maior revolução seja com o que faremos com tantas informações e quais conhecimentos elaboraremos com elas.

Nesse sentido, torna-se necessário o desenvolvimento de competências para a utilização desses

recursos, pois a intencionalidade é tornar o ensino mais atrativo e integrado às vivências diárias dos alunos. Com a pandemia provocada pelo novo coronavírus, que levou as pessoas ao isolamento social, foi essencial a apropriação de alguns recursos tecnológicos - de comunicação e informação - pelas instituições de ensino, a fim de que se consolidassem as atividades domiciliares realizadas pelos educandos, o que permitiu a continuidade do processo do ensino e da aprendizagem.



FOTO: Divulgação/Maria Rainha

Devido a todo o acesso às novas tecnologias que as crianças e os jovens têm, a escola precisa se adaptar e pensar em novas estratégias que envolvam conhecimento, protagonismo e tecnologias. Hoje, espera-se que o aluno seja criativo, envolvido e crítico ao seu meio social, para que possa ser um cidadão consciente de seus direitos e deveres.

Os impactos das novas tecnologias na escola perpassam uma realidade de duplo sentido: por um lado, as escolas se equiparam de recursos tecnológicos, mas, por outro, precisam oportunizar a manutenção e a logística para que os professores possam trabalhar com elas.

Desta forma, é importante a conscientização dos professores sobre o uso dos recursos tecnológicos como ferramentas para os alunos buscarem a informação com autonomia, assim como para tornar as aulas mais atrativas, com práticas mais próximas do contexto tecnológico - que evolui e acelera cada vez mais, pois vai ao encontro da competência sobre Cultura Digital, que disserta sobre o que se espera do aluno diante da informação, com criticidade e ética, e que, sobretudo, ele saiba comunicar-se com protagonismo na produção de novos conhecimentos.

A utilização do celular como ferramenta educacional nas aulas de Ciências

Carolina Krupp Confortin, professora

A tecnologia está cada vez mais presente na vida de todos nós. Nossos alunos nasceram em um mundo dinâmico e imediatista e, para eles, é difícil desconectar e imaginar sua vida sem seus celulares, internet, tablets e redes sociais. Uma forma de motivar os alunos para os estudos é aliar a tecnologia ao aprendizado.

O uso de ferramentas tecnológicas proporciona maior interação entre professores e alunos e entre os alunos e o conteúdo estudado. Segundo Bergmann e Sams (2016), fazendo uso de tais ferramentas, “o que fazemos é falar a língua deles”. Com seus aparelhos celulares, os alunos realizam pesquisas sobre os assuntos debatidos em sala de aula em tempo real, oportunizando a participação ativa no processo de aprendizagem. Fora da sala de aula, o aluno tem liberdade para rever a explicação do professor quantas vezes julgar necessária e/ou buscar outras fontes, como vídeoaulas disponíveis na internet.

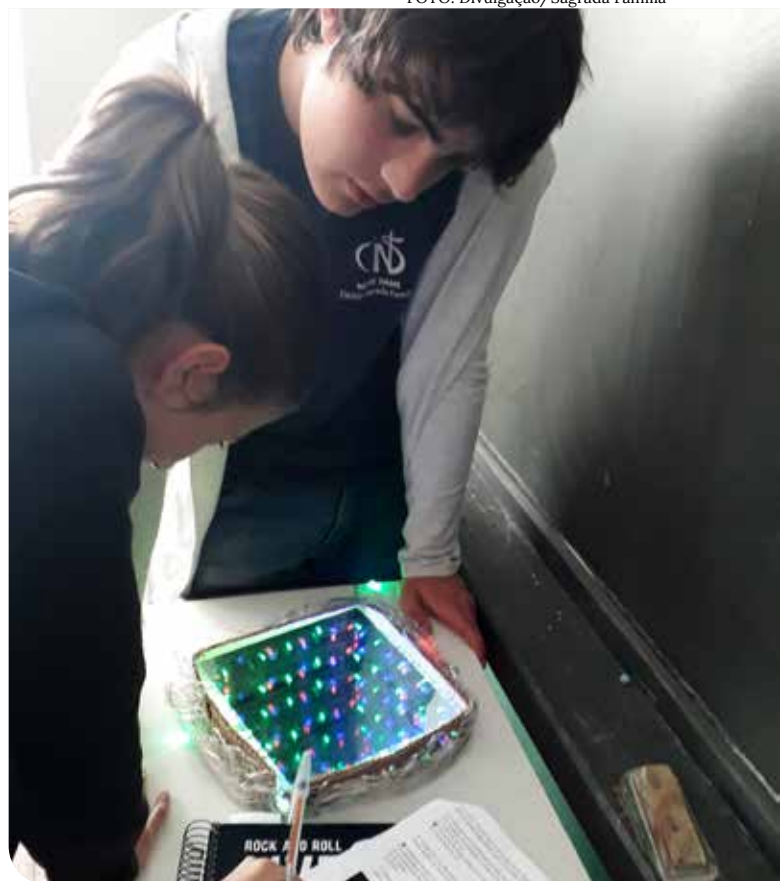
No ensino da disciplina de Ciências da turma do 9º ano da Escola Sagrada Família, o celular, a rede social, a internet, os softwares e simuladores são utilizados como ferramenta pedagógica, a fim de significar o conhecimento, atrair e estimular os alunos no ensino. Para tanto, é formado um grupo de WhatsApp dos alunos da turma e com a professora, por onde é enviado material didático. O material contém conceitos teóricos, exemplos dos cálculos, exercícios e questões norteadoras de pesquisa que devem ser respondidas antes da aula presencial. Dessa forma, os alunos são estimulados e orientados à pesquisa e ao estudo na internet. É muito importante que os estudantes sejam ensinados a utilizar a tecnologia em favor do aprendizado, com orientação e incentivo dos professores.

Em sala de aula, ocorre uma roda de conversa sobre o conteúdo enviado, em que os alunos pesquisam na internet, tiram as dúvidas e levantam hipóteses. Em seguida, é feita uma lista de exercícios e atividades experimentais. Com o celular, os alunos filma e fotografam os experimentos e, a partir desse material, é possível resolver as questões teóricas e de

cálculos. Um bom exemplo que ilustra essa atividade é a simulação de uma onda com uma mola de brinquedos. Os alunos filma o experimento e respondem sobre a frequência, o comprimento e estimam a velocidade da onda. Logo após, os alunos enviam pelo grupo as fotos e os vídeos do experimento, junto com os resultados obtidos.

A utilização de softwares e simuladores interativos no ensino das Ciências constitui outra alternativa que possibilita aos alunos verificar a teoria exposta em sala de aula, usando a tecnologia (algo familiar a eles).

FOTO: Divulgação/Sagrada Família



A construção do conhecimento é feita pelo aluno, em todas as etapas. Durante as aulas, a professora dispõe de tempo para ouvir seus alunos individual e coletivamente. Com a utilização do celular, como ferramenta tecnológica no ensino de Ciências, obtém-se otimização do tempo, maior interação e participação ativa dos alunos durante as aulas e nas tarefas solicitadas. Os estudantes são parte atuante e protagonista durante todo o processo, tornando o aprendizado mais significativo.

Tecnologia como aliada da educação

Cristian Cesar Weber Pereira, professor

Trabalhar com educação é um desafio muito grande, pois lida-se com as mais variadas formas de pensar e agir e com diferentes culturas, visto que cada aluno possui uma vivência e uma realidade diferente. Isso os torna únicos. Aliado a isso, o modelo atual de sociedade, que se transforma de maneira muito rápida, faz com que essas diferenças existentes entre cada ator envolvido no processo ensino/aprendizado se tornem cada vez mais desafiadoras para o educador.



FOTO: Divulgação/Esafa

Não bastasse toda essa diversidade cultural que compõe o ambiente escolar, ainda existe toda a evolução tecnológica que, assim como a sociedade, transforma-se a cada dia. A cada novo evento, uma tecnologia diferente.

Se a escola não acompanha toda essa evolução das novas tecnologias, se torna um ambiente cansativo e desmotivador aos alunos, uma vez que estes são nativos digitais, e grande parte dos professores ainda é resistente às novas tecnologias.

Na Escola Sagrado Coração de Jesus, tentamos a todo instante aliar à prática do ensino tecnologias. Toda vez que fazemos uso dessa combinação, percebemos o retorno e a aproximação do aluno com a atividade proposta. A utilização de vídeo games com sensores de movimentos nas aulas de educação física, por exemplo, faz o maior sucesso, uma vez que tal atividade torna-se mais prazerosa ao aluno. Além dis-

so, a produção de folders de divulgações de Parques Nacionais abertos à visitação, produzidos a partir da plataforma de design gráfico Canva, além de estimular a criatividade e o interesse pela preservação do meio ambiente, é um recurso que incentiva o aluno a continuar inovando.

A utilização de aplicativos de perguntas e respostas para revisão de conteúdos na forma de jogo, ou até mesmo a produção de planilhas e gráficos digitais para demonstração dos resultados de uma pesquisa atraem a atenção dos alunos, tendo em vista que tira o foco das tecnologias como entretenimento e as insere como ferramenta essencial no desenvolvimento dos alunos.

Os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I contam, semanalmente, com um período de aula na informática, em que se habituem ao meio digital e aprendem a utilizar o computador, no caso da educação infantil. Os alunos do Fundamental I utilizam este contato para ambientação com o portal on-line ou para o desenvolvimento de pesquisas propostas pelos professores, e assim vão se habituando às pesquisas virtuais.

Com a paralisação das aulas devido à pandemia do novo coronavírus, a utilização de ferramentas tecnológicas foi importantíssima, pois é devido à utilização dessas ferramentas eletrônicas que as atividades escolares continuam.

Agora utiliza-se o portal on-line para disponibilidade das atividades, juntamente com aplicativos de mensagens instantâneas para esclarecimento de algumas dúvidas. Além disso, também se produz a partir de algumas ferramentas tecnológicas, como os jogos educativos, em que os alunos desenvolvem pesquisas e precisam achar soluções para resolver problemas. Essa experiência foi enriquecedora ao longo de uma das semanas, com a Jornada X, assim como durante o estímulo à criatividade do aluno a partir da programação de animações e jogos no Scratch.

Existem diversas atividades desenvolvidas com a utilização da tecnologia na escola, pois sabemos que não há como afastar esta prática do processo de ensino/aprendizagem, ainda mais com a introdução da nova Base Curricular Notre Dame e com a BNCC, em que a cultura digital é uma das competências a ser desenvolvida.

Desafios do ensino e da aprendizagem: iniciativas desenvolvidas envolvendo as tecnologias educacionais

Luísa Fernanda Marchi da Silva Peixoto, professora

Claucia Medianeira Wulf Dias, professora

Atualmente, percebe-se a importância de estabelecer novas técnicas de ensino e aprendizagem com relação ao educando, pois a criança tem cada vez mais acesso a informações e traz consigo uma grande bagagem de conhecimentos prévios e experiências já vividas. Essa preocupação permeia todos os âmbitos educacionais e é notória quando falamos de tecnologias e ideias inovadoras.

O professor e o aluno ainda precisam compreender que, no contexto escolar, existem ferramentas tecnológicas e que, no que se refere às mídias, devem ser utilizadas de maneira consciente e contextualizada. As tecnologias educacionais (aplicativos, jogos, filmes) são ferramentas poderosas de instrução, devido à imensa variedade de saberes apresentados e, por isso, as mídias educativas têm potencial pedagógico. Cabe saber, então, analisar e avaliar a sua utilização.

A partir disso, o professor pode investigar a demanda de cada turma, utilizar o instrumento de forma mais dinâmica e inovadora para que o processo de ensino e aprendizagem contribua didaticamente para o uso adequado e coerente com a informação escolar e ou próprio currículo.

Quando utilizadas com planejamento adequado e de acordo com a faixa etária, as tecnologias educacionais permitem que uma nova proposta possa dar resultados inovadores no contexto educacional, promovendo tanto resultados satisfatórios como justiça social, leitura e escrita, oralidade e raciocínio lógico, entre outros.

Pode-se ressaltar um avanço nas novas tecnologias, e sua história nos mostra o quanto é inovadora e precisa ser desenvolvida na escola para que possamos trazer o aluno para perto de nós e permitamos aulas mais interessantes e significativas. Diante desse compromisso, a escola deve pensar em atividades dinâmicas para a utilização das

tecnologias educacionais no âmbito escolar.

A partir das preferências do aluno em relação às ferramentas tecnológicas, podemos criar uma ponte para os objetos de conhecimento, de forma a despertar o interesse pelas aulas e facilitar, assim, o aprendizado. Entretanto, é preciso fazer sempre um questionamento crítico, uma reflexão: será que o uso está sendo adequado? É necessário cuidar para que não seja a mesma aula tradicional realizada apenas com ferramentas diferentes, pois será que terá alguma efetividade se os métodos didáticos continuarem os mesmos, apenas trocando o quadro negro por uma tela virtual? Os recursos audiovisuais, muitas vezes, são uma fonte de fácil compreensão, e eles, digitais, hoje, são variados e constituem recursos a mais para a educação e reflexão.

As tecnologias educacionais podem trazer diversas exemplificações e facilitam acessar diversos sentidos, como a percepção visual e a auditiva, entre outras, porém cada pessoa interpreta as informações de acordo com os seus conhecimentos, suas vivências e emoções.

Esses recursos são novas formas de ensinar, são meios para superar algumas dificuldades, oportunizando progresso, minimizando fragilidades e focando nas potencialidades. Não é necessário seguir um padrão; cada indivíduo tem suas peculiaridades e é a partir delas que se pode pensar os processos de ensino e aprendizagem, significando a prática.

Cabe ao professor direcionar essas ferramentas, valorizando o conhecimento de mundo do aluno, integrando aluno e professor com o objeto do conhecimento a fim de desenvolver competências e habilidades, podendo também promover ações de inclusão, acessibilidade e inserção social.

Para tanto, a tecnologia educacional pode ser utilizada para assimilação do conhecimento, na construção de estruturas mentais e como ferramenta cognitiva, que funciona como um mediador no processo de aprendizagem. O professor, comprometido com a prática diária, deve estar ciente, preparado e aberto às inovações e desafios que a evolução tecnológica traz, além estar em constante formação, potencializando a renovação pedagógica.

Novas possibilidades educacionais

Ângela Soder, Vanuza Mittack, Viviane da Silva, professoras, e Camila Vieira, assessora pedagógica

Se antes a tecnologia já se fazia presente em sala de aula, a partir desta pandemia de coronavírus sua abrangência foi unânime, necessária e inevitável. A observação é da assessora pedagógica Camila Roberta Lahm Vieira. Conforme ela, entre o mundo on-line e off-line há um vasto universo a ser desvendado e explorado para aprender, interagir e criar. “No compasso da era digital, não existe lugar no ciberespaço para aprendizagem passiva, conteudista e sem contextualização, pois as informações que antes eram obtidas depois de horas de pesquisas e estudos nas bibliotecas, hoje estão acessíveis a um clique ou áudio de busca”, analisa.

Para Camila, o cenário mundial desencadeado pela ameaça da pandemia de Covid-19 trouxe consigo, além do temor da proliferação do vírus, um elemento positivo: a descoberta de novas possibilidades no âmbito educacional. “Com as portas das residências fechadas, o acesso passou a ser estabelecido de forma virtual, a distância.”

Colocar o uniforme e fazer um registro fotográfico lendo em um espaço da casa em que cada um se sente melhor foi o desafio das turmas de oitavo ano, 181 e 182 - durante o período de leitura mantido sempre às quintas-feiras, mesmo em tempo de isolamento social. As fotos foram postadas no Classroom no dia dois de abril, para a disciplina de Língua Portuguesa, da Professora Ângela Soder. “No olhar de cada um, havia esperança de que tudo isso passaria e logo nos reencontraríamos no Santa, para continuar essa jornada juntos”, comenta Ângela.

E, como professor tem o dom do ensinar, também aprendeu muito e transmitiu novos conhecimentos de tecnologia aos colegas que tinham menos domínio de ferramentas virtuais, como relata a professora Vanuza Alves Mittanck. “Tivemos aulas a distância, vídeos explicativos e lives, em que cada um auxiliou o outro no que sabia. Dessa forma, aos poucos fomos nos reconstruindo, nos aperfeiçoando. E o aprender a fazer nos deu outras possibilidades, a angústia deu lugar à serenidade e ao sentimento de superação.”

Este período também possibilitou a descoberta de novas tecnologias. “Na minha concepção, utilizar



FOTO: Divulgação/Santa Teresinha

vídeos e brincadeiras em sala de aula já era algo inovador. Acreditava estar fazendo muita coisa diferente e divertida para meus alunos, e de fato eu estava, mas nada se compara ao universo de possibilidades e ferramentas descobertas agora neste momento tão turbulento, em que mudar a educação não é mais uma simples escolha, mas, sim, uma necessidade”, relata a professora Viviane Amanda da Silva.

A descoberta de novas plataformas virtuais também trouxe novas possibilidades. Uma das que surpreendeu a Viviane foi a Wordwall. “Esta plataforma possibilita ao professor a criação de jogos. Nela eu não encontro nada pronto, mas em compensação posso explorar formatos de jogos variados e moldá-los a meu favor e de acordo com a minha imaginação”, comenta a professora. E conclui: “só penso em ensinar diferente, continuar utilizando meus vídeos e minhas brincadeiras, porém acrescentando também jogos, gravações interativas e tantas outras novidades que eu puder encontrar neste mundo virtual e tecnológico.”

Irmã Nilsa Ignez Hartmann: 57 anos dedicados à evangelização

Por Tamires Hoff

FOTO: Arquivo pessoal



Um instrumento de evangelização. Isso foi o que a Irmã Nilsa Ignez Hartmann, de 78 anos, sempre se dedicou a ser nestes 57 anos de vida consagrada. “Por onde eu passar, quero deixar um rastro de Deus para quem vier atrás achar o caminho.” Ao pedir para ingressar na Congregação

das Irmãs de Notre Dame, despertou dúvidas sobre sua vocação, pelo seu jeito de ser. “Quando pedi na primeira vez para ir a Passo Fundo, para ser Irmã de ND, a superiora me boicotou, porque eu sempre fui muito ativa e ‘moleca’. Mais tarde, com a nova superiora, arrisquei de novo e fui aceita.”

Após a aprovação do convite, era preciso convencer os pais. De uma família grande, nascida em Selbach, no norte do Estado, é a sétima de 13 filhos. A mãe de Nilsa também não tinha certeza sobre a vocação da filha. “Aí, o pai interferiu e disse: ‘Mãe, deixa ela ir. Depois de 8 dias estará de volta! É só uma aventura!’” Em uma camioneta rural, Nilsa seguiu viagem com outras 12 colegas. Diferente do que os pais pensavam, ela não voltou. “Mais tarde, todas as amigas retornaram para suas famílias, menos eu. Aqui estou até hoje! Deus me chamou e mesmo com meus defeitos me aceitou”, conta a Irmã.

A religiosa ingressou na Congregação em Passo Fundo. Foi juvenista por três anos, sendo depois transferida para Constantina, para seguir a sua vocação. Ao retornar para Passo Fundo, fez postulante e noviciado. Recebeu o nome conventual de Irmã Maria Ígnis, que significa fogo em latim.

Após a divisão da Província em duas, ao final do segundo ano de noviciado, ela foi para Canoas. “Sou da primeira turma que fez os votos em Canoas, em 1963.” Dali em diante, foram algumas transferências, para Herval do Sul, depois para Caçapava do Sul, onde

também lecionou e aprendeu a tocar harmônio. A música fazia parte da vida da religiosa desde a época de juvenista, quando tocava violino.

De volta a Canoas - como já tinha o curso Normal - fez o Científico, no Colégio Maria Auxiliadora. Dois anos depois, seguia para Taquara, onde, além das aulas, coordenava um coral infantil e dava lições de piano e flauta. O gosto pela música fez com que aperfeiçoasse os conhecimentos na área. Também estudou Teologia, graduou-se em Supervisão e Administração, que passou a exercer na primeira escola que dirigia, o CMA. “Fui aconselhada pela Irmã Maria Hiltgardis, que me nomeou e me deu algumas orientações. Com toda complexidade de uma grande escola, posso dizer que sempre amei o que fiz.”

Irmã Nilsa também atuou como diretora na escola Santíssimo Nome de Jesus, em Caçapava do Sul, período em que concluiu a especialização em Psicopedagogia. Ainda dirigiu as escolas Santa Catarina (de Santa Maria), Madre Júlia (de São Sepé) e o Colégio Santa Teresinha (de Taquara), que foi a última por ela dirigida e de onde partiu para um curso de Espiritualidade em Roma, na Itália.

Durante sua trajetória também ficaram boas e divertidas lembranças das viagens, acompanhando pais e alunos. Foram visitadas muitas regiões do Estado, País e até em países vizinhos, como Argentina e Uruguai.

Hoje, Irmã Nilsa mora no Sítio Notre Dame, em Nova Santa Rita. Entre as suas atividades, ajuda na liturgia da Paróquia Santa Rita e na Catequese, assim como na espiritualização das Pastorais de Idosos e também na de Dependentes Químicos. “Trabalho não falta”, comenta.

Aposentadoria não está nos planos da animada Irmã Nilsa, que afirma pretender seguir trabalhando na evangelização enquanto tiver saúde. “Apesar de dificuldades e desafios que enfrentei, me considero uma vitoriosa. Louvo a Deus por tudo que recebi e pude compartilhar!”

Alcemar Sanfelice: Propósito de levar uma vida mais saudável aos estudantes

Por Tamires Hoff

Há 36 anos, o professor de Educação Física, Alcemar Sanfelice, de 60 anos, coloca os alunos para se movimentarem na Escola Maria Rainha, de Júlio de Castilhos. Escolheu a profissão pelo seu amor ao esporte e, ao longo de todos esses anos, procura mostrar aos estudantes o quanto pode ensinar. “Através do esporte, podemos buscar uma vida mais saudável, termos momentos de lazer e ainda formar novas amizades. Precisamos aprender a lidar com vitórias e, principalmente, com derrotas, fazendo delas aprendizados”, conclui o professor.

A Escola Maria Rainha faz parte da história de Sanfelice. Foi em 1984, ao final da sua graduação de Educação Física, quando ele começou a estagiar. O trabalho que seria temporário foi prolongado e se transformou em efetivo, o que tornou a escola da cidade de Júlio de Castilhos a segunda casa do educador.

Nestas mais de três décadas muitas coisas mudaram, como o maior uso da tecnologia, diz o professor. “Sem humildade não se constrói nada de positivo na vida, ou seja, precisamos ser humildes e aceitar que as coisas mudam, e nós, enquanto seres humanos, precisamos mudar o nosso jeito de ser para evoluir e acompanhar, principalmente, a juventude de hoje.”

O que não mudou, segundo ele, é o benefício que o esporte pode fazer na vida das crianças e dos adolescentes, além do reflexo destas práticas nos futuros adultos. “São muitos os benefícios, como a socialização, a disciplina, os limites. Além disso, o esporte trabalha vitórias e derrotas e faz com que o indivíduo aprenda a resolver problemas e a desenvolver a criatividade, o improviso, entre outros aspectos fundamentais para a vida”, detalha o educador físico.

Com o professor liderando as equipes esportivas do Maria Rainha, foram vários os títulos conquistados, entre campeonatos municipais, regionais e jogos escolares. “A grande vitória é a contribuição do esporte na formação integral dos alunos, tornando-os seres atuantes na sociedade, de forma responsável e ética, sempre valorizando o bem comum”, salienta Sanfelice, e complementa: “Além disso, precisamos trabalhar



FOTO: Arquivo pessoal

Sanfelice liderou as equipes em campeonatos conquistados pela escola valores que foram esquecidos ao longo do tempo, tais como espiritualidade, família, ética, responsabilidade, amor ao próximo. Em resumo, devemos seguir e difundir nossa mestra Santa Júlia.”

Casado com Valmira dos Santos Sanfelice, de 53 anos, e pai da Jéssica dos Santos Sanfelice, de 28 anos, o professor gosta de estar sempre perto da família. Reencontrar os ex-alunos também é algo que traz muita alegria. “Encontrar, no dia a dia, os ex-alunos formados em diversas profissões e bem encaminhados na vida me deixa muito feliz.”

Nesta trajetória profissional, o educador conta que não foram poucas as lições que recebeu. “Tive uma trajetória de crescimento dentro da Escola e na Congregação durante esses 36 anos, graças aos ensinamentos de Santa Júlia, das Irmãs e das colegas. Sou muito grato a todas as Irmãs e a todos os profissionais da escola, pois me ajudaram a crescer como ser humano e profissional. Em especial, agradeço à minha primeira diretora, Irmã Teresinha Quatrin, por ter me proporcionado o ingresso na Escola Maria Rainha”, revela.

Aposentadoria é algo natural pelo ciclo da vida, de acordo com o professor de Educação Física, mas ele, que sempre colocou as pessoas para se movimentarem, garante, que quando este momento chegar, não vai ficar parado. “Ainda não tenho em mente o que vou fazer depois de aposentado, mas, com certeza, não vou ficar em casa, sentado.”

A cruz e as Irmãs de Notre Dame

“Eis as filhas que te darei num Instituto marcado pela cruz.”

Por Ir. Therezinha Quatrin, Irmã da Congregação Notre Dame



FOTO: Divulgação

Falar sobre a realidade da cruz no mundo de hoje, para algumas pessoas, parece algo fora de contexto, algo que contrasta com os anseios e os propósitos da geração pós-moderna. Atualmente, há grande esforço na busca do bem estar, do conforto, do sucesso, da projeção pessoal e da fuga da cruz. Apesar de tudo, a cruz e as dificuldades existem e fazem parte da trajetória de todos os seres humanos. Em cada instituição educacional, é salutar que os educandos sejam devidamente preparados para essa realidade e se tornem capazes de olhar criteriosamente para a realidade da cruz, e habilitados a realizar uma síntese saudável dos sinais que emergem em sua história e podem estar sinalizados pela cruz. O mundo atual precisa ser desafiado e acordado para a realidade da existência e da importância da cruz redentora.

Santa Júlia, a Mãe espiritual da Congregação das Irmãs de Notre Dame, entendia a cruz como a expressão suprema do amor e da generosidade do bom Deus, que chegou à sua culminância no mistério Pascal, no

dia da ressurreição de Jesus. A cruz é um sinal de sofrimento, mas é também um sinal de alegria, porque a dor da Sexta-feira Santa foi o prelúdio da vitória de Jesus para a salvação da humanidade. Em nossa vida, a cruz é condição de crescimento em Cristo e da eficácia apostólica do nosso trabalho educacional. Ela está sinalizada no símbolo que caracteriza as Irmãs de Notre Dame, o crucifixo congregacional. As iniciais “ND”, no verso da cruz que as Irmãs trazem sobre o peito, lembram Nossa Senhora, aquela que acompanhou o Filho Jesus até os derradeiros momentos na cruz. Júlia deixou, na Congregação, o precioso legado da importância da presença da cruz e da proteção de Nossa Senhora na vida de cada pessoa.

Júlia Billiard foi atraída ao mistério da cruz desde cedo. Tinha dezesseis anos quando apareceu a primeira de uma série de provações inesperadas em sua vida. O furto na loja de seu pai levou a família Billiard à falência. Sem outra escolha, a família teve que vender a terra e, assim, defrontaram-se com a pobreza e com

a privação até das coisas mais necessárias. Em consequência desse empobrecimento, Júlia passou uma adolescência dura, trabalhando nos campos, vendendo os bens do pai para sobrevivência da sua família. Os esforços para enfrentar a nova situação prejudicaram seriamente a sua saúde física.

Pode-se dizer que a trajetória de Júlia por este mundo foi marcada pela presença da cruz. Calúnias, incompreensões e difíceis relacionamentos interpessoais ligados a pessoas que deveriam ter lhe ajudado custou-lhe muito sofrimento. Foi criticada e interpretada incorretamente, sem poder explicar-se. Certa vez, depois de um ataque áspero do Bispo de Amiens, irrompeu em lágrimas, mas, como mulher forte, retomou energia em Jesus, seu Mestre, e continuou semeando a bondade de Deus. Podemos dizer que a sua vida foi um constante esforço na superação das dificuldades provocadas pelas cruces das próprias fragilidades físicas, como também as decorrentes da realidade histórica que envolveu a sua vida no mundo pós Revolução Francesa. Num dos seus escritos pode-se ler: **“Quando, de boa fé, abraçamos a cruz, Deus nos dá a força para carregá-la e suaviza-lhe o peso, pela sua graça divina. Não existem dois caminhos para encontrarmos a felicidade, mas apenas UM, que é o caminho da cruz. Ela é a chave que abre o céu e não importa de que forma venha até nós.”** Essa recomendação faz parte da identidade da educação Notre Dame.

Para Júlia, a Cruz prefigura a Páscoa, é um sinal de sofrimento, mas também de alegria, porque a dor da Sexta-feira Santa é o prenúncio da Páscoa da Ressurreição. A cruz em nossa vida é condição de crescimento em Cristo e de eficácia apostólica. A vida de Júlia, enraizada na bondade de Deus, na Paixão e na Ressurreição de Jesus, foi marcada pela alegria da esperança que vem da cruz de Jesus. Ela é um forte legado que a Mãe Espiritual nos deixou. Assim Júlia se expressou: “Olhemos para as nossas provações diárias com o olhar da fé – a cruz é o dom mais precioso que Deus pode dar a seus filhos.”

Num momento privilegiado da graça divina em sua vida, Santa Júlia Billiard fez a experiência amorosa da presença do bom Deus. Visualizou as suas filhas espirituais, as suas Irmãs, debaixo da cruz e ouviu a mensagem profética: **“Eis as filhas que te darei num Instituto marcado pela cruz.”** A Congregação surgiu debaixo do signo da cruz. Eis porque ela esteve e

FOTO: Divulgação



continua presente na caminhada das Irmãs de Notre Dame, como também está presente na vida dos seus colaboradores e dos seus educandos. Essa cruz pode ser a grande luz que ilumina os caminhos das pessoas que dela fazem a experiência e que a acolhem com generoso coração.

Hoje, mais do que nunca, o trabalho na educação vive a realidade da presença da cruz, como nos tempos de Júlia. Mesmo no distanciamento, necessitamos semear o conhecimento e a bondade de Deus. O bom semeador do Evangelho lança a semente esperando uma farta colheita. Muitas vezes, frente às intempéries do clima, a colheita pode ser pequena, pode não corresponder aos esforços e às necessidades do semeador. Quem educa precisa estar consciente de que age na esperança, superando as cruces das limitações pessoais e coletivas do momento. A metodologia utilizada será sempre aquela que nos veio de Júlia: **“COLOCAR A PESSOA A CAMINHO”**, mesmo entre as cruces que podem surgir frente à realidade social, à tradição e às características da realidade emergente.

A Congregação das Irmãs de Notre Dame, presente no Brasil desde 1923, dedica suas forças e seus recursos à essa educação sólida, consciente de “colocar a pessoa a caminho.” Isso significa ajudar a desenvolver o potencial humano para que o educando possa superar as dificuldades inerentes ao ser humano e acolher as cruces que a vida possa a vir lhe trazer.



Projeto Sementeira e Vocações

Por Ir. Sinteia Maria, Irmã da Congregação Notre Dame

Na Paróquia São João Batista, de Campos Novos - SC, onde as Irmãs de Notre Dame coordenam a catequese paroquial, as crianças, as famílias e as comunidades dos bairros Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio estão tendo a oportunidade de vivenciar e acompanhar a catequese de Iniciação à Vida Cristã, o chamado Projeto Sementeira, que já está em andamento desde o tempo do advento (dezembro de 2019). O Projeto Sementeira está sendo construído e aperfeiçoado pela Equipe Diocesana do Serviço de Animação Bíblico-Catequética da Diocese de Joaçaba - SC, para acolher e aplicar a inspiração catecumenal proposta pela CNBB. Esse jeito novo de catequese busca resgatar a qualidade e a essência da fé e do seguimento de Jesus Cristo.

Ao longo dos anos, já vinham acontecendo muitas mudanças na catequese: já passamos da catequese que era somente “decoreba”, de perguntas e respostas, para uma catequese mais interativa e bíblica; agora estamos no momento de fazer a transição de uma catequese conteudista para uma catequese mais celebrativa e vivencial, envolvendo famílias e comunidades. Na catequese anterior à Iniciação à Vida Cristã, o contato com a família dos catequizandos ocorria, geralmente, em reuniões de pais em que se tratavam assuntos da catequese. Mais recentemente, já foi dado um passo, oferecendo formações para pais com a prática da leitura orante. Uma mãe de um catequizando relatou que, na catequese anterior ao Projeto Sementeira, os pais marcavam tão pouca presença na catequese que, ao final do ano, não sabiam nem o nome da catequista de seus filhos. Na catequese de Iniciação à Vida Cristã, os encontros de catequese envolvem catequizandos e suas famílias, uma ou duas vezes por mês, além dos encontros e das vivências de catequistas com catequizandos semanalmente. Também são realizadas celebrações, nas quais acontece, por exemplo, apresentação das crianças da catequese para a comunidade, entrega dos livros de catequese e de outros símbolos durante a missa. Dessa forma, catequizandos, famílias, catequistas e comunidade vão se comprometendo uns com os outros ao longo dessa caminhada, e todos vão sendo iniciados à vida cristã junto aos pequenos que estão na catequese.

FOTO: Divulgação/JUND



Os encontros envolvem os catequizandos e suas famílias

A catequese de inspiração catecumenal acontece ao longo de quatro etapas: pré-catecumenato, catecumenato, purificação e mistagogia. As novidades são a primeira e a última etapa: no pré-catecumenato é apresentada a pessoa de Jesus Cristo (primeiro anúncio), e o catequizando aprende, desde o primeiro momento da catequese, a se apaixonar por aquele que deve ser o centro da vida de fé. Portanto, ser iniciado à Vida Cristã significa fazer essa experiência de Deus. O catecumenato é o tempo de aprendizado do conteúdo da fé, e a purificação é o recebimento dos sacramentos. O tempo da mistagogia é o período de acompanhamento do catequizando após receber os sacramentos. O catequista mistagoogo conduz o catequizando, levando-o para perto do mistério de Deus. A união entre liturgia e catequese traz para os encontros a parte celebrativa, criativa e envolvente, que permite ao catequizando e sua família se sentirem integrantes da comunidade. A união de todos esses elementos tem o objetivo de despertar a comunidade, as famílias e os catequizandos para o seguimento de Jesus, buscando ouvir o chamado do Senhor e colocar-se a seu serviço. Rezemos para que essas sementes germinem no coração de cada pessoa que fará parte desse processo!

O NÚCLEO DA PEDAGOGIA ND

Por Equipe Pedagógica do Colégio Maria Auxiliadora

FOTO: Richar Feijó



Núcleo é o elemento que ocupa a posição central em uma estrutura e constitui-se no fundamento da existência dela. A pedagogia é uma ciência que se dedica ao estudo e à pesquisa de questões relativas à educação de crianças e jovens. Logo, núcleo da pedagogia é o elemento central que direciona as ações de uma escola.

Para uma melhor apreciação do núcleo da pedagogia ND, procuraremos situar, brevemente, o contexto histórico em que a pedagogia ND foi concebida. Júlia Billiard (1751-1816), na França, e Bernard Overberg (1754-1826), na Alemanha, vivem uma época de profundas mudanças. Júlia e Overberg são contemporâneos. Júlia vive numa época bastante influenciada pelo iluminismo racionalista e o naturalismo romântico, de que Voltaire (1694-1778) e Rousseau (1712-1778) foram figuras representativas.

Júlia, como filha do seu tempo e impulsionada pelo amor a Deus, olha para o homem em toda a sua

realidade existencial, tanto no plano natural quanto no plano sobrenatural. Para Júlia, razão e espiritualidade devem compor a ação educacional. Overberg, também como filho do seu tempo, procurava unir as metas temporais e as metas eternas da educação.

Mais tarde, em 1850, em Coesfeld, “o espírito e a missão de Overberg, a tradição da diocese de Münster, foram colocados na estrutura do Estatuto e no modo de vida religiosa proveniente de Júlia Billiard”. A visão e a prática educacional de Júlia e Overberg compõem o que podemos chamar de Educação Integral ND.

Júlia e Overberg colocam o amor a Deus no centro, como princípio orientador da sua ação no mundo. Trata-se de um amor exigente, um amor que se faz caridade e nos dá força e vigor para, pronta e cuidadosamente, praticar todo o bem que somos capazes. Júlia e Overberg fundamentam, desta maneira, a sua ação educacional na espiritualidade. Portanto,

não hesitamos em afirmar que “o amor a Deus que se faz caridade” é o núcleo da pedagogia ND.

Na Educação Infantil, a educação e o cuidado estão sempre vinculados, tendo como eixos estruturantes as interações e as brincadeiras. Asseguramos, desse modo, os direitos de aprendizagem, contemplados nos cinco campos de experiências: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer (BNCC, 2018).

O professor não é tido como um mero transmissor do conhecimento, mas como aquele que, com um olhar curioso e aberto às infinitas possibilidades, identifica trilhas de pesquisa, co-construindo junto com as crianças sentido e significados.

No Ensino Fundamental, procuramos trabalhar a integralidade do espaço e do tempo da aprendizagem através de momentos desafiantes, do cultivo de amizades e da criação de situações-problema, com o objetivo de expandir a consciência, o conhecimento de mundo e o conceito das coisas. Visamos formar

um aluno pesquisador e com valores. Buscamos construir competências, habilidades e valores necessários para a vida.

No Ensino Médio, um período de mudanças e de grandes decisões, preparamos os discentes para aceitarem diferentes desafios e para superarem variados obstáculos. Mobilizamos os alunos para desenvolverem a capacidade crítica e analítica. Incentivamos a proporem e a criarem soluções para problemas do cotidiano, valendo-se de competências e habilidades adquiridas. Procuramos contribuir para a sua autoestima e confiança, oportunizando-lhes o desenvolvimento de conhecimentos sólidos, preparando-os para os desafios futuros da vida pessoal e profissional. Operamos, desta forma, pela construção de uma base firme para uma atuação responsável, solidária e crítica no mundo.

Entendemos que, para pensar adequadamente o nosso fazer educacional, é importante nos ocupar e nos apropriar, em primeiro lugar, do núcleo da nossa pedagogia.



FOTO: Richar Feijó

Escola do Cuidado

Por Ir. *Giulliane Araujo de Macêdo* - Assistente Social e Integrante do JPIC- *Justiça, Paz e Integridade da Criação*

O mundo passou e continua a passar por transformações significativas, capazes de mudar o próprio ser humano no que diz respeito ao modo de ser e de cuidar.

Alguns autores afirmam que estamos vivenciando uma crise civilizatória, gestada na desigualdade e alimentada pelo descuido com a vida. Por meio dela, entramos em contato com o caos e, até mesmo, com o desespero. Ao mesmo tempo, entretanto, temos a oportunidade de criar o novo, de dar outra forma e construir outro paradigma civilizatório.

Tal paradigma sugere que as mudanças em curso problematizem nosso modo de ser no mundo, baseado no poder, para um modelo que prime pela convivialidade e pelo cuidado. Deixar nascer em nós o ser humano novo, que se percebe frágil e vulnerável, necessita de uma nova conduta, uma nova ética, a 'Ética da Vida'. Para o teólogo e filósofo Leonardo Boff (2005), "Ética da Vida precisa de um ambiente para que se desenvolva, e esse ambiente é formado pela ternura e pelo cuidado".

A ética da vida implica questionar o modelo vivido e transformar-se pela renovação da mente e do coração, focando as energias em fazer o bem e na busca de uma vida coerente e consistente. É ir ao encontro do outro, imbuído(a) da 'Mística do Cuidado', que nos torna sensíveis e nos compromete com algo além de nós mesmos.

O cuidado é constitutivo da vida humana e está presente através do zelo e da responsabilidade com outras vidas, é dizer que me importo com suas lutas, dores e alegrias. O cuidado cria um pacto de comunidade, de convivialidade e de respeito mútuo.

"Ao modo de ser do cuidado atribui-se apreço, atenção e despojamento de si para criar um ambiente seguro, de respeito à dignidade do ser humano. E convida a todos(as) a envolver-se na proteção da vida, em todas as suas formas. Revela também um projeto humanizador, que requer coragem de, continuamente, deixar-se moldar pelo cuidado, de envolver-se com outras vidas, avizinhar-se à solidariedade e compartilhar dos afetos", afirma Boff (1999).

REFERÊNCIAS:

- BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2005.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. 4ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- MOURA, Laercio Dias de. *A dignidade da pessoa e os direitos humanos: o ser humano num mundo em transformação*. São Paulo, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Loyola; Rio de Janeiro, RJ: PUC, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos* - Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2007.

Na escola do cuidado, o amor tem a direção
O respeito é professor e a alegria está na recepção
Funcionários são só carinho da sala até o portão

Na escola do cuidado, não tem idade para entrar
Seja criança, jovem ou velho, todos podem ingressar
É só passar na secretaria e sua matrícula efetivar

Na escola do cuidado, o aluno precisa ter presença
Tem atividades presenciais e on-line
Aqui são respeitadas as diferenças

Na sala de aula, a lição mais querida
Fala da dignidade humana
E o respeito a todas as formas de vida

Nesta escola também tem disciplina
Aqui você é corresponsável por tudo que aprende e ensina
Um cuida do outro, como se fosse de um irmão,
gerando ambientes de paz e comunhão

Na escola do cuidado, o recreio é diversão
Bom humor é garantido nesta escola da inclusão
Aqui ninguém fica de fora, todos recebem proteção

Na escola do cuidado, aluno nunca tira férias,
pois é sempre necessário revisar todas as matérias
Se notas estiverem baixas, não se preocupe, tem solução
Comece revendo sua atitude e o que tem no coração

Na escola do cuidado, a sensibilidade está em cada gesto e olhar
A metodologia é bem dinâmica, começa em mim e se espalha em todo meu lar
Nesta escola sempre há vaga, você nada precisa pagar
Então não espere mais, venha se matricular.

Os desafios da quarentena para a educação

A quarentena mexeu com a vida de todos. Foi preciso adaptação e busca de recursos diante desta nova realidade. “A rotina escolar e domiciliar teve, de forma abrupta, uma mudança muito grande. A necessidade de aderir ao isolamento distanciou profissionais, familiares, crianças, jovens e adolescentes de seus locais de trabalho e de seu convívio diário com familiares, colegas e amigos”, resume a diretora do Colégio Santa Teresinha, Maria Isabel Rossetti.

Os desafios foram para todos, como ressalta a diretora. “A organização familiar precisou dar conta de providenciar equipamentos, materiais, espaço, tempo e cuidados básicos para a continuidade dos estudos nas atividades domiciliares de seus filhos. A escola precisou subsidiar seus profissionais para que houvesse condições de dar continuidade à incrível missão de educar em tempos de pandemia.” A saudade passou a fazer parte do cotidiano, conforme Isabel, mas salienta que a união de esforços para atender a diferentes realidades garantiu o desempenho de cada um, da melhor forma possível.

A dedicação das equipes pedagógicas e a troca de experiências ajudaram a enriquecer as estratégias nas atividades desenvolvidas. “Os professores foram incansáveis na busca por formas de despertar o interesse e garantir a aprendizagem dos alunos. Em vários casos, professores também tiveram que aprender a lidar com a tecnologia que não fazia parte do dia a dia de suas aulas”, analisa.

De acordo com a diretora, este período também exigiu grandes esforços das famílias. “Os alunos, com capacidade de adaptação e entendimento de novas situações, encararam e assumiram seu papel. E a família mostrou-se capaz de responder de forma primorosa.” Isabel ainda salienta que, apesar de todas as dificuldades impostas pelo isolamento social, ficaram importantes lições: “acreditamos que o ser humano foi capaz de viver essa fase da história mundial com cuidados, pessoais e grupais, que são indispensáveis para uma vida digna e solidária, e que o mundo viverá, a partir de agora, novas formas de relações afetivas, de solidariedade e de empatia.”

Confira relatos de algumas famílias de alunos das escolas Notre Dame:

Santa Teresinha - Disciplina, organização, paciência e união são as palavras-chave neste momento para Amanda Castello Branco e Guilherme Von Mengden. Eles são pais da Alicia e da Clara Castello Branco Von Mengden, 10 e 8 anos, respectivamente, alunas do Colégio Santa Teresinha. Em casa, todos se adaptaram à rotina, e as irmãs ganharam ambientes de estudo. “As ferramentas de ensino disponibilizadas pelo colégio, como o Google Classroom e o Class App, de fácil entendimento, nos aproximaram no âmbito familiar, mas também aproximaram pais dos professores e direção, e também nossas filhas dos seus colegas de aula.”

FOTOS: Arquivo pessoal



E/D: Alicia e Clara Castello Branco Von Mengden

Estrela do Mar - Os estudantes da Escola Nossa Senhora Estrela do Mar, Julia Gouvêa, de 10 anos, e João Pedro Gouvêa, de 8 anos, estão com saudades das aulas, dos colegas e dos professores. A criatividade dos professores tem ajudado nas atividades domiciliares, conforme a mãe das crianças, Lisiane Gouvêa. “Temos que oferecer tranquilidade, respeitar os limites dos nossos filhos no processo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, exigir que mantenham rotinas de estudo com responsabilidade.”



E/D: Júlia e João Pedro Gouvêa

Maria Auxiliadora - A escola passou a frequentar a casa da Bibiana Vighi Alves, de 13 anos. Para a aluna do 8º ano, o cumprimento das atividades domiciliares exige maior disciplina, segundo a mãe da estudante, Patrícia



Bibiana Vighi Alves

cia Vighi Alves. “Passamos a fazer todas as refeições juntos, jogar jogos, assistir programas e séries, dividir tarefas, enfim, a conviver mais. Então, desejo que este tempo passe rápido, porque voltar é necessário, mas que não esqueçamos o que vivemos, para que seja um período de crescimento interior em cada um de nós.”

Maria Rainha - Apesar da escola sempre incentivar o uso do ambiente virtual, este uso foi ampliado neste momento de isolamento social. A observação é do Eduardo Dalcin, pai da Lívia Dalcin, de 10 anos, que está no 5º ano da Escola Maria Rainha. Com uma rotina bem organizada, a Lívia está se saindo muito bem nas atividades, segundo o pai. “Não precisa cobrar muito dela, é algo natural. Interessante que também ela destina uma hora para brincar e outro momento para estudar, utilizando os recursos digitais que a escola oferece.”



Lívia Dalcin

Madre Júlia - Para os pais dos irmãos Mateus e Carolina Kelling Scherer, de 13 e 5 anos, respectivamente, este período de estudos em casa está sendo uma experiência diferente. João Roberto e Suzana Scherer avaliam que os filhos estão dedicados e dando conta de acompanhar e interagir nas atividades escolares. “O uso das tecnologias vem ao encontro da nova tendência educacional, e esta situação de pandemia, embora inesperada, coloca nossos filhos neste novo ambiente de aprendizagem”, conclui Suzana.



E/D: Mateus e Carolina Kelling Scherer

Sagrada Família - Na casa da família do Pedro Cardoso Borba, de 11 anos, a rotina de estudos está ajustada. Todos os dias, o estudante do 7º ano da Escola Sagrada Família faz as atividades recebidas pela escola. “Nós, como pais, percebemos que os profissionais das escolas se importam com nossos filhos.

Isso é gratificante, porque acreditamos na escola, somos parceiros e incentivamos que, mesmo em casa, o Pedro faça as atividades sempre com muito empenho e capricho”, avalia Edna Cardoso, mãe do Pedro.



Pedro Cardoso Borba

Sagrado Coração de Jesus - No lugar da correria do dia a dia, a família do Davi Rodrigues de Sá Brito, de 6 anos, e da Luíza Rodrigues Xavier, de 4 anos, está aproveitando este tempo maior com todos juntos. “Vivemos um dia a dia tão corrido, entre trabalho e afazeres de casa, que não nos damos conta do precioso tempo que temos quando estamos ensinando e aprendendo ao lado das crianças”, comenta a mãe dos alunos da Escola Sagrado Coração de Jesus, Gabriele Rodrigues, e conta que diariamente os filhos esperam ansiosos pelo envio das atividades para realizar em casa.



E/D: Davi Rodrigues de Sá Brito e Luíza Rodrigues Xavier

Santa Catarina - Ficar com os filhos em casa, neste período de atividades escolares domiciliares, está proporcionando para a família um momento de troca e aprendizado. Essa é a opinião da Dieniffer Perotto Lopes, mãe do João Vitor Perotto Lopes, de 5 anos, e do Davi Perotto Lopes, de 4 anos, da Escola Santa Catarina. “Todo dia tem atividade para eles, e eles estão adorando fazer tudo com os pais.” Dieniffer conta que João Vitor está nas vogais, já o Davi na ludicidade, principalmente em identificar o nome dele. “Eles ficam felizes, porque estão fazendo isso ao lado de quem amam, mas estão loucos para voltar para as aulas, com saudades das professoras, das atividades em sala de aula e dos coleguinhas.”



E/D: João Vitor e Davi Perotto Lopes

Juntos
construímos
propósito

Formação integral do aluno

 /redenotredame

 @redenotredame

 nd.org.br |  51 3462.8600

 Av. Guilherme Schell, 5888 - Canoas - RS



NOTRE DAME

